

CONCURSO DE ESCRITA

Conexões - As Relações na Era da Internet

COLETÂNEA DE POEMAS, CONTOS E CRÔNICAS

TEXTOS DE ALUNOS DO
7º ANO À 3ª SÉRIE DO EM

Organização

Profa. Aline Pereira

Prof. Filipi Vieira

Profa. Francieli Corbellini



La  Salle
Niterói

ÍNDICE

| | |
|---|----|
| Apresentação..... | 2 |
| Agradecimentos..... | 3 |
| Poemas- 7º ano do Ensino Fundamental..... | 4 |
| Contos- 8º e 9º ano do Ensino Fundamental..... | 17 |
| Crônica Argumentativa- 1ª, 2ª e 3ª série do Ensino Médio..... | 33 |
| Textos diversos*..... | 49 |

*Alguns textos, por não se encaixarem na categoria ou na temática exigida, foram deslocados dos demais.

APRESENTAÇÃO

A literatura tem um papel de extrema importância na formação dos indivíduos. Ela é a responsável por estimular a criatividade, a imaginação e por auxiliar na construção de diversos conhecimentos. A partir da tomada da relevância do mundo literário, entende-se como necessário o desenvolvimento de propostas pedagógicas que transcendam a leitura, para que, por meio de atividades lúdicas e práticas, aconteça o engajamento e a amplificação de habilidades referentes à educação literária. No Ensino Fundamental, assim como no Médio, a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) compete à literatura um valor não só científico e identitário, mas, principalmente, prático.

Sendo assim, com o intuito de promover a escrita criativa e a fluidez literária, os professores de Língua Portuguesa do Colégio La Salle Niterói elaboraram o *1º Concurso de Escrita 2021- Conexões: as Relações na Era da Internet*. O concurso foi destinado aos estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental à 3ª série do Ensino Médio, devidamente matriculados na escola, .

A comissão organizadora deste concurso foi composta pelos professores de Língua Portuguesa do Colégio La Salle Niterói: Professora Aline de Souza Pereira, Professor Filipi Vieira da Silva e Professora Francieli Corbellini.

AGRADECIMENTOS

Nosso agradecimento vai a todos que colaboraram de alguma forma com a aplicação deste projeto, fazendo-o acontecer: a toda equipe diretiva do La Salle Niterói, ao Diretor Ir. Cláudio Dierings, à Supervisora Educacional Adriana Becker, ao Coordenador Dalmo Souza; a todos os estudantes que compraram a ideia e se inscreveram, enviando os textos maravilhosos presentes nesse e-book; aos professores e colaboradores da escola, que contribuíram divulgando e apoiando o projeto.

Poemas

7º ano do Ensino Fundamental

Vida x Internet

Bernardo Lopes ESpindola

No mundo da rede social
a maioria das coisas é artificial.
Nem tudo é o que parece ser,
você pode ser o que quiser
sem ter nada a perder.
Mas aí está o grande erro,
de uma vida de aparências.
Onde ter
vale mais do que ser.
Então eu te pergunto:
onde está a tua essência?
Família e amigos em primeiro lugar,
viver o momento e depois postar.
Largue o celular
e não deixe o tempo passar.
Na internet dá para fazer amigos,
se divertir e estudar.
Mas é melhor ter cuidado
para não vacilar.
A vida é mesmo passageira.
O segredo é ser protagonista
e não expectador da vida alheia.

Como vou me relacionar?

Helen Rodrigues Rhoden

Como vou me relacionar?
Mensagem eu não sei mandar.
Como vou conversar?
Só importa como vou digitar.

Por que toda semana
Algo devo postar?
Porque irei ser só
e aí comigo ninguém vai se importar.

É preciso paciência
para este mundo aguentar.
É tão chato ficar só no celular.

É tão importante as redes sociais checar,
que as pessoas esqueceram de:
sentir, conversar e amar.

Poema

Alana Dalci

Entrar no Instagram
olhar aquela foto,
o sorriso,
a vida perfeita

sair chorando,
porque minha vida não é assim,
enquanto eles estão rodeados de amigos
cheios de sorrisos

eu na minha cama,
tendo a vida mais monótona
de todas
com lágrimas quase rolando.

Se
"Filha tudo bem? "
Escuto minha mãe do outro lado da porta
eu só queria gritar um "nãoo"!!
Mas ao invés disso, limpo a garganta

e com um sorriso no rosto
mesmo sabendo que ela não pode ver
respondo "siim"!!
Só chorei com o filme.

"Vem jantar!!"
Agora meu pai
eu estou com fome,
mas não posso.

Para ser igual a elas

Não posso me dar essa liberdade da fome
tenho que recusar,
"não estou com fome, pai!!"

E foi assim meus dias
agora passo num hospital
tendo que tomar soro
pois comida não entra na minha boca.

Foi assim que o Instagram
uma rede por diversão
uma rede que parecia inofensiva
destruiu a minha vida

Foi assim também que eu aprendi
que fora dos "stories"
ninguém está realmente bem.

É tudo que tanto me inspirei
para tanto ser na realidade,
Era pura mentira.
"E você está realmente bem?"

A vida na internet

Rafael Machado Barbosa Junior

Hoje em dia, é raro ver alguém brincando pessoalmente
se você vê isso, é considerado diferente.
Nem conversa frente a frente fazem mais,
agora é tudo por mensagem
sem utilizar palavras presenciais.

Só querem saber de celular
nem olham mais ao seu redor,
ficam na vida virtual
desperdiçando as maravilhas da real.

Mas a internet não é tudo de ruim,
pode também ser legal,
pois une as pessoas quando estão distantes
e nos fez aprender em momentos de "lockdown".

Conexão

Isabella Vianna Lima

Era uma vez uma menina linda
Cabelos pretos e óculos cinza
Vivia no seu quarto postando sobre tudo
E todo tipo de conteúdo.

Sempre usava a roupa mais bonita
Camisa, saia, laços e fitas
O celular sempre era o mais moderno
Mal sabia ela que aquilo não era eterno.

Um dia uma menina falou a ela:
Não poste tudo para agradar a sociedade
Pois é um perigo perder a privacidade
E acabar sem personalidade.

Naquele dia viu o que acontecia
E percebeu que não era mais uma boa companhia
Parou de conversar com as pessoas ao seu redor
Estava indo de mal a pior.

Assim, largou o celular e foi ser feliz
Dançando e brincando no chafariz
A vida ficou mais leve
Cantando e dançando alegre.

Redes Sociais

Bruno Baldasso Oliveira Rodrigues

Lá nas redes sociais
cada um tem seu potencial
mostrando sua vida de um jeito mais artificial
ou de um jeito mais real.

Nas redes sociais
o mundo é bem diferente,
dizemos coisas boas da vida da gente
para mostrar uma vivência perfeita
escondendo e ignorando
o lado mais pertinente e importante
da nossa vida.

Poema

Monique Kovalew Saraiva de França

Redes sociais nos dias de hoje são
fundamentais.

Pesquisas de história, ciências, matemática,
português e geografia nós realizamos todo dia.
Facebook, Twitter e Instagram
acessamos todos os dias de manhã.

Seguindo o conselho dos meus pais, utilizo
para aprendizado as redes sociais para
informações essenciais.

Mas nunca esquecendo o quanto são
importantes as conexões pessoais.

A internet chegou para mudar

Isabelli de Mattos Bonazza

A internet chegou para mudar,
e em um piscar de olhos, as
pessoas já adquiriram sem pensar.

E uma coisa podemos dizer,
mais próximos nós ficamos
pode ser no trabalho, escola,
ou até no lazer.

Veja como nos mudou,
quem não quer não nota, quem quer
há muito tempo já notou.

Ela pode ser boa e ruim ao
mesmo tempo, um dia você
está cheio de amigos, e no
outro nem por um momento.

E para finalizar, vamos refletir.
Não fique triste se você perder
alguém, na vida as pessoas
entram para depois partir.

Poema

Vitória Gonçalves dos Santos

A Internet pode ser boa? Pode!
pode ser ruim? Pode!

O que você irá pesquisar hoje?
Uma Fake News barata
Ou uma pessoa que já morreu?
você vai encontrar tudo o que quiser
será um mané ou vai curtir o Pelé?

Por aqui estamos encerrando
Para não ganharmos
Hates falando

**Importância das redes sociais
em nosso dia a dia, o
porquê!**

Gabriele Rodrigues Rhoden

Há pessoas ardilosas
Por serem bonitas?
São apenas filtros.

Colocar filtro em muitas fotos, já é hate?
Qual a moral? Sério!
Isso só causa balbúrdia.

Tenho vontade de dilapidar
O meu próprio celular
Vendo esses famosos
Postando essas fotos.

Instagram, tik tok
Agora facebook? É coisa de velho.
Cringe? Talvez.

Por que não postar uma foto de você mesmo?
E daí que será frugal demais?
Você não tem defeitos, o filtro tem
Por não deixar você ser você mesmo
Talvez eu não seja de uma geração nova
Mais sei da moda.

Seguidores? Eu não quero isso.
Dane-se os filtros me escondendo,
Pelo menos tenho photoshop.
E daí que isso seja banal?
Ainda é frugal,
Mas sou eu mesma.

Essas pessoas usam filtro, photoshop...
Elas são ignóbeis
Perdem a melhor versão delas mesmas.
Por que ligar para aparência com filtros?

Você tem amigos falsos... São chamados de seguidores.
Quanto mais você tem, mais famoso fica.
Mesmo assim, não há motivos para se esconder.

Nosso novo "normal"

Rita de Cassia Monçalves Castagnetti

No mundo em que vivemos
há sempre algo que queremos,
likes, curtidas e visualizações,
sabendo que o que vale
são as intenções
Tem sempre um alvo e um público
que eles irão descontar;
tudo isso poderá gerar apagões,
mas a internet nunca vai se apagar.
O contato visual
se tornou algo muito inigual,
nem vamos falar de beijo ou carinho,
isso parece mais um teatrinho.
Esses fatos não têm mais significados,
é muito difícil ter
e quando se tem, restam prejudicados.
Não vejo motivos em continuar
essa brincadeira sem graça,
vamos voltar a sentar na praça
e tentarmos acabar com essa desgraça!

Conectados

Maria Eduarda Faiet de Camargo

A este tal celular
que só vem a me atrapalhar
não consigo desligar
os fios continuam conectados
ele até dorme do meu lado

A se vê na mão de todos
o que? não pode faltar
o celular é ele
faz pessoas se conectarem
por uma simples tela
mas, desconecta outras

A, mas também tem aqueles padrões impostos
naquele tal de Instagram
ou tik tok?
não tenha dependência em pessoas
que sequer te dão trela

Se desconecte um pouco
desconecte de tudo aquilo que não te enaltece
viva a sua vida além da tela.

Contos

8º e 9º ano do Ensino Fundamental

As relações na era da Internet:

Cristine Rosa de Ávila

Maia é uma garota que pode ser definida com uma palavra: antissocial. Ela é do tipo de pessoa que faz de tudo para evitar ter de sair de casa e, por consequência, afastar-se de seu fiel companheiro, o computador. Acostumou-se ao refúgio que esse amigo inseparável sempre lhe ofereceu, protegendo-a de tudo que sempre considerou ruim - o contato com pessoas no geral - e deixando-a imersa naquilo que representava tudo que lhe era bom - jogos, séries, filmes, e mais jogos.

Entretanto, no seu universo digital particular, havia uma rede social em específico que Maia evitava sempre que podia, porque lá o caos imperava: sua opinião podia ser transformada num discurso de ódio em dois segundos, repercutindo em ódio pela mídia para sempre. Realmente, ela sempre tentava evitar esse acesso, mas num dia em que nenhum jogo, série ou filme a satisfizesse, Maia decidiu entrar nessa rede social para ver o que acontecia. Deparou-se com a postagem de um garoto que criticava pessoas que passam o dia inteiro presas em casa, sem socializar com ninguém. Além disso, o garoto escreveu também que pessoas assim são esquisitas e merecedoras de serem extintas. O post tinha mais de duas mil curtidas e vários comentários e compartilhamentos de outros usuários dando risada e concordando com o autor. Dentre tantos comentários, Maia pensou que um a mais não faria diferença, e, já que queria expressar a angústia que sentiu ao ler aquele texto, respondeu ao garoto o seguinte:

@UserMaia123: - Acho completamente desnecessário falar esse tipo de coisa. Isso às vezes é até um problema sério que a pessoa pode ter; não somos "esquisitos" porque gostamos mais de ficar em casa ou de encontrar pessoas como você fora da rede. E outra coisa: não somos animais para sermos "extintos". Na próxima vez, pense nas pessoas que você pode machucar compartilhando esse tipo de coisa.

Maia realmente estava indignada com aquele comentário, então decidiu mandar mensagem para uma pessoa com quem ela estava conversando - na realidade, era alguém pelo qual estava apaixonada. Seb era seu nome, e Maia o havia conhecido pessoalmente em uma festa a que fora por obrigação. A partir daí, o contato entre eles passou a conversar somente pela internet. Maia sabia que Seb também era apaixonado por ela, então eles praticamente namoravam, mas sem namorar, entende? Ela mandou um print do tal comentário a Seb e esperou alguns minutos por sua resposta. Ao perceber ele não responderia naquele momento, Maia decidiu entrar novamente na rede social para atualizar Seb das outras mil bobagens que as pessoas andavam falando por lá. Entretanto, assim que acessou seu perfil na rede, percebeu que havia ganhado mil seguidores, de uma hora para outra, e ficou completamente assustada com aquilo. Surpresa, ela tentou entender de onde vinham esses seguidores e o porquê. Olhando no canto inferior da tela, ela via uma mensagem que dizia que ela havia recebido respostas em seu comentário na postagem de que discordou. Foi nesse momento que ela percebeu do que se tratava os seguidores e sentiu-se feliz por ter pessoas concordando com ela.

Maia entrou na resposta que havia mandado e viu nada mais que 232 comentários em sua publicação. Curiosa para saber de que se tratava, ela começou imediatamente a ler, e a cada comentário, uma crítica era feita para ela; não havia nenhum comentário elogiando sua coragem, ou concordando com seu posicionamento. Maia simplesmente sentiu lágrimas molhando seu rosto a cada comentário diferente lido. Nesse momento, ela recebe uma mensagem de Seb, que dizia:

Seb - Oi, Maia. Desculpa a demora. Eu estava respondendo um comentário sem noção que recebi aqui. Só um minuto, vou ver o que você mandou e já te conto mais sobre. Você vai achar ridículo.

No exato momento em que Maia recebeu a mensagem de Seb, ela leu um comentário, que com toda certeza, foi o mais doloroso. E não foi por conta do que estava escrito, mas por conta de quem o escreveu.

@UserSeb06: -Vocês nem deveriam ter opinião aqui, fala sério. Vocês vivem em cativeiro? Chega a ser engraçado ver vocês tentando argumentar com algo de que nem existe defesa. Vocês devem ser aquele tipo de pessoa que acha que tem amigos na internet, mas na verdade são todos robôs. Vocês são estranhos, aceitem.

Maia ficou completamente sem reação diante daquela mensagem; por uma fração de segundo, questionou a si mesma se realmente conhecia Seb. O garoto por quem ela se apaixonou, o garoto com quem ela conversava e que ela achava que conhecia não era aquele, pois o Seb nunca faria aquilo. Enquanto se deparava diante daquela situação terrível, ela sabia que Seb, em algum momento, perceberia que a pessoa que ele ofendeu era ela, se arrependeria e lhe pediria desculpas. Ela tinha certeza disso. Maia apenas escutou a notificação de uma mensagem chegando: era Seb. Ela sentiu no fundo do coração que iria se arrepender de abrir naquela mensagem; porém, acima de tudo, ela ainda era apaixonada por ele e esperava que fosse um pedido de desculpas não só a ela, mas também às outras pessoas que ele ofendeu, arrependendo-se e apagando todos aqueles comentários. Para sua tristeza, a mensagem de Seb contradisse tudo isso.

Seb: - Fala sério, aquela era você? Me desculpa, eu realmente não sabia que você era do tipo de pessoa que vai entrar em extinção. Quando te vi naquela festa, pensei que você era normal, mas pelo jeito eu estava completamente errado. Sinceramente, eu não posso conviver com pessoas como você. Maia sentiu seu estômago virar de ponta cabeça. Aquilo realmente estava acontecendo ou ela estava delirando? Ela sentia que aquilo estava errado, aquele não era o Seb. Maia então teve certeza de que não estava delirando quando olhou a conversa e viu a mensagem: "Este contato bloqueou você".

Agora ela sabia que não conhecia ninguém verdadeiramente pela internet. Tampouco sabia se conhecia a si mesma, e percebeu que qualquer um poderia fingir ser quem quisesse na internet. Pela primeira vez, ela pensou que deveria sair de casa e tomou a atitude de desligar seu computador e sair de seu quarto para conhecer pessoas novas. Maia sabia que, a partir de agora, precisaria conversar pessoalmente e conviver com as pessoas para criar uma relação de verdade.

Amélia e a #MaisRespeito

Luiza Schwantes

Na escola de Amélia, uma nova semana iniciava-se e a jovem, como de costume, estava muito animada. Ela era dona de lindos olhos castanhos, de um cabelo curto com mechas arroxeadas e de um sorriso largo, que poderia deixar até os mais rabugentos e sonolentos sorrindo ou, pelo menos, um pouco mais empolgados.

Naquela manhã, no entanto, olhando para os seus colegas, Amélia percebeu que eles não pareciam mais os mesmos. Julia, a menina mais inteligente da classe, não deixava por nada seu celular, Davi, que sempre tinha novas piadas para contar à turma, não parecia inspirado, e Mari, sua melhor amiga, mal conversava com a menina e com as demais pessoas. Afinal, o que estava acontecendo? Será que Amélia tinha feito ou falado algo de errado? Só havia uma forma de descobrir, para isso, a jovem, intrigada com a situação, resolve questionar seu colega Davi:

- Oi, Davi! Você ainda não contou nenhuma piada à nossa turma hoje, achei isso bem estranho... Aconteceu alguma coisa?
- Infelizmente sim, Amélia. No final de semana passado, eu combinei de jogar videogames com alguns amigos que eu havia conhecido em chats on-line da internet virtualmente. Eles foram legais comigo em um primeiro momento, porém, quando disse que era muçulmano, todos se viraram contra mim e começaram a criticar-me, a maldizer a minha religião e a fazer piadas ofensivas a respeito dela repetidamente. Foi horrível!
- Sinto muito, Davi. Saiba que se você precisar de ajuda, ou, até mesmo, conversar com alguém, eu estarei aqui!
- Muito obrigada, Amélia! Agora é melhor nos apressarmos, a aula já vai começar!

Após conversar com as suas colegas Julia e Mari durante o período do recreio, a menina surpreendeu-se, pois o motivo dos três não parecerem mais os mesmos, envolvia a humilhação em meios digitais. Ao chegar em casa, ainda surpresa com tal semelhança, Amélia foi logo pesquisar em seu navegador a respeito de situações como estas ou similares e, por meio de suas pesquisas, descobriu que aquilo era mais frequente do que imaginava e chamava-se Cyberbullying.

A jovem não entendia e não conseguia aceitar o fato de que seus colegas estavam tristes em razão de comentários e postagens feitas por pessoas mal-intencionadas escondidas atrás de perfis fakes, os quais servem como uma máscara virtual a estes agressores. Por esse motivo, diante desta indignação, Amélia decide que precisa tomar uma ação e, assim, conscientizar os seus colegas e professores a respeito do Cyberbullying com o objetivo de diminuí-lo.

Depois de muito pensar, a menina estava certa de que iria fazer um movimento contrário a ele, promovendo, assim, o que ela chamou de "CyberRespeito" e "CyberGentileza". A sua ideia inicial foi de desenvolver cartazes e espalhá-los por sua escola visando oferecer ajuda às vítimas dos mais diferentes tipos de bullying e conscientizar a todos a respeito de como podemos reverter esta prática agressiva de humilhação em atitudes que agregam e trazem felicidade ao próximo nos meios digitais.

O projeto de Amélia, por mais que simples, conseguiu alcançar o grande objetivo da menina e despertou a atenção dos professores de seu colégio positivamente, em especial, a de Catarina, a professora de matemática, a qual sugeriu a ela uma brilhante ideia:

- Amélia, como você já deve saber, estamos na era da internet e a utilizamos diariamente. Contudo, porque você não divulga seus cartazes e ideias em posts nas mídias sociais? Desta forma, você poderia ter um alcance ainda maior de usuários e, assim, conscientizar mais pessoas.

Meu suicídio virtual

Natália KayserPrates

Eu estava cansada. Era sempre tanta pressão, tanta comparação. Há quem diga que a internet só melhorou sua vida, mas na minha, tudo foi ao contrário. Enquanto todos estavam ocupados me criticando e ditando quem deveria ser, eu planejava meu suicídio virtual.

Era dezembro e eu estava cansada do sentimento de incapacidade, só queria paz. Todos achavam exagero a vontade que tinha de sumir e me perder (ou encontrar?) no mundo real, mas eu precisava iniciar o próximo ano bem e, no ambiente virtual, isso seria impossível.

Todo mundo lá é hipócrita e finge ser melhor do que é, eu mesma era assim. Contudo, tal coisa me definhava internamente. Eu precisei mudar, e mudei para mim e mais ninguém. E, depois disso, todos os problemas começaram.

Queria influenciar todos a serem realistas nas redes. Queria denunciar pessoas de má índole. Queria transformar aquele mundo em um lugar melhor. Porém, o ódio começou e não eram um ou dois usuários com esses discursos: eram todos!

De anônimos a famosos influencers, todos diziam coisas horríveis: "Você não deveria estar viva" "Quem pensa que é para espalhar mentiras (verdades) sobre mim?" "Espero que você morra". Se pensava que tinha amigos virtuais, bom, todos mudaram de lado assim que meu reconhecimento começou.

Aparentemente, ninguém liga se o que consome é real ou não, prejudicial ou não, criminal ou não. A internet virou uma terra sem lei. Ela é o mundo das ideias¹ e todos beiram a perfeição, mas no mundo real estão à beira do colapso. E se você quiser transformá-la em um lugar melhor, acaba estragando ambas as realidades.

De mensagens de ódio na internet para xingamentos diários, aos poucos, tudo saiu do controle (de quem?). Todos foram me deixando para trás, até que não aguentei. Precisava sair daquele meio, ansiava por uma vida simples e fora dos tablóides. Até que tomei a melhor decisão da minha vida: matar-me virtualmente.

Parecia ser simples, é só apagar todas as redes, certo? Errado. Já estava recebendo discursos de ódio na rua, não adiantava só sumir da internet, era importante mudar isso também, para minha própria sanidade. Logo tomei a decisão de mudar de uma cidade movimentada e conectada para um rancho no interior, um lugar isolado, onde pouquíssimas pessoas viviam.

Mudar de nome e aparência também era importante, quanto menos reconhecível ficava, mais chances tinha de meu plano dar certo. De Evelyn para Annabeth e de morena para loira. Até gostaria de ter mudado algo no rosto, uma rinoplastia talvez, mas iria contra tudo o que acredito e que prego: o amor próprio e autoaceitação. Ainda sim, estava definitivamente diferente.

Deixei todos que me deixaram e gravei um vídeo me despedindo (sem mostrar o cabelo), uma vez que queria que todos sentissem o peso de suas palavras e da hipocrisia que carregam consigo. Quanto mais culpados se sentissem, melhor. Talvez a minha ação trouxesse a revolução.

Dito e feito. A comoção começou, todos pedem desculpas e lamentam minha "morte", virei exemplo de "vítima do cancelamento". Até o momento não posso dizer se a internet, num todo, de fato mudará, mas é óbvio que várias pessoas já perceberam a toxicidade desse meio.

¹Mundo das ideias - Teoria de Platão sobre um mundo onde existem todas as ideias primordiais, sendo que essas ideias são perfeitas e eternas.

A sabedoria na internet

Isabel Arguilar Lima

Bill era um sujeito que conheci nas divisões boas da internet, eu saberia até mesmo relatar cada insignificância sobre o mesmo. Era um poeta, boêmio reservado, de rosto magro, não era velho nem moço. Lembro-me de Bill defendendo suas ideias em redes sociais, a que eu mais venerava era aquela onde o poeta dizia que o defeito das multidões na internet é achar valoroso o que é ridículo, e ridículo o que é valoroso, isso pois a maturidade para acertar nestas coisas é também uma virtude do povo. Bill era um gênio, entretanto, assim como era com todos os gênios que conheci, o homem era julgado por indivíduos presente nas redes sociais. É regra velha, creio eu, que a internet sempre traz consigo malefícios, o ódio e o afastamento das relações pessoais e físicas, são exemplos concretos.

Tenho a lembrança da manhã onde conheci Bill, o mesmo usava uma cartola e era exageradamente reservado, possivelmente tinha uma vida na internet e afastou-se da vida real. Entretanto, não foi por esta razão que o reneguei, eu o admirava tanto que em pouco tempo encontrei-me sentada ao seu lado, ouvindo o que ele tinha a manifestar. Na internet todos são filósofos, poetas ou inteligentes, outros são belos, felizes, ocupados e bem-sucedidos. Todavia, Bill era apenas ele, havia ali a massa de um homem com tão poucos aplausos e rejeitado nas redes sociais, que usava a internet como um livro, mas não como um amigo. Naquela manhã, já fazia tempos que eu não dialogava com alguém de forma física, eu fazia somente via redes sociais, e foi uma sensação desigual no momento em que eu olhava em seus olhos e em seus cabelos que emolduravam lhe aquele rosto magro, um pouco enrugado, não pelos desgostos, já que não os tivera, mas pelos anos que passaram. Era uma sensação recém-adquirida de estar ouvindo Bill falar e pensar comigo mesma: “Eis aqui um homem sábio que não fará grande carreira no mundo”. Aquele dia me fez refletir, as palavras que o Bill emitia me fizeram refletir, dizia o poeta que a realidade pode ser às vezes inverossímil. A partir daquela manhã, eu compreendi com firmeza que a realidade e a internet podem ser pilares um tanto quanto distintos. Logo após aquele momento, nunca mais reencontrei Bill, mas creio que há a probabilidade de estar em uma missão longe de suas redes sociais, e todavia, ainda tenho na memória aquelas falas de sabedoria.

Desconectadas

Lara Moreira Camargo

Os alunos da Ravenclaw School já estão no final do primeiro trimestre, e para muitos está sendo a mesma coisa que todos os anos, principalmente para a Allison que todos os anos ia pra escola querendo ser um pouco mais conhecida por lá. Era uma sensação estranha pra ela, porque todos pareciam ser conhecidos por lá e ela se sentia invisível no meio de todos; mas isso não era só na escola, era na internet também, todos tinham muitos seguidores, principalmente a Lillian, às vezes Allison queria ser que nem ela, todos gostavam da garota e era a menina mais famosa da Ravenclaw, isso sem contar com o seu número de seguidores ela tinha seiscentos mil seguidores e Allison apenas cento e setenta e três seguidores, porém mesmo querendo ter tudo isso de seguidores ou até mais, Allison queria mesmo era ter o tanto de amigos que Lillian tinha, ou pessoas que a admiravam.

Hoje, dia 6 de maio, Lillian acordou as 5:30 para ir caminhar, ela sempre fazia isso quando estava sem sono ou estressada com algo, ela era uma das garotas mais famosas da escola, gostava que todos lhe admiravam, mas às vezes sente falta de um tempo só pra ela, sem ninguém opinando na vida dela. Depois da sua caminhada, voltou pra casa para se trocar e ir para a Ravenclaw; chegando lá, em seguida já é parada pelo seu grupo de amigos, que ela acreditava que eles eram mais interessados pelo seu número de seguidores do que por ela mesmo, na real ela tinha quase certeza disso, pois nenhum deles sabiam e nem procuravam saber sobre ela mais profundamente (seu passado, seus segredos, sua família), só queriam saber sobre o que ela iria postar e onde iria no fim de semana. Ela tinha cinco pessoas que sempre andavam atrás dela, Olívia que era uma menina que sabia da vida de quase todos da escola, e amava contar tudo para Lillian para se sentir “importante”; tinha a Emma que andava sempre com elas duas e adorava chamar atenção dos meninos, seu pai era o melhor advogado da cidade, então ela sempre andava com roupas de marca e sempre que comprava alguma coisa nova mostrava nas suas redes sociais; e tinha os três meninos: o Brandon namorado da Olívia, amava jogar basquete e era alto e moreno, e um pouco mais quieto do resto do grupo; tinha também o Harry, alto, moreno e capitão do time de basquete, tinha muitos amigos, adorava sair no fim de semana e tirava sempre notas baixas, mas sempre dava um jeito para passar de ano; e por último tinha o Cedrico, alto, loiro e sempre andava com a Lillian, um dos mais estudiosos do grupo, era sempre otimista com as coisas e era apaixonado pela Lillian, mas ninguém sabia, muito menos ela. E Allison onde estava? Ela já havia chegado na escola, mas aparentemente ninguém notou como sempre, ninguém exceto Lillian, que enquanto o grupo vinha atrás dela, Lillian notava que Allison tinha chegado e estava lendo o seu livro; ela não pode deixar de notar que Allison estava cada vez mais bonita, Lillian gostava de Allison desde o sexto ano, mas só descobriu isso no ensino médio, porém tinha muito medo de confessar para a garota e acabar sendo muito criticada nas redes sociais ou até mesmo na escola; sabia que isso era uma bobagem da cabeça dela, mas mesmo assim tinha muito medo da crítica, contudo como era o seu último ano na Ravenclaw School, estava disposta a falar abertamente para Lillian sobre tudo que ela sentia.

O sinal tocou, todos estavam indo para a aula, Allison já estava lá, continuava lendo seu livro, quando notou Lillian entrar na sala com o seu grupo, ela percebeu que houve uma troca de olhares entre as duas, mas não ligou muito e continuou lendo. A aula acabou e então Lillian que estava disposta contar tudo no outro dia para a Allison, saiu da escola e foi direto para o salão de beleza, foi fazer suas unhas e uma hidratação no seu cabelo. Quando saiu do salão de beleza, foi gravar um vídeo para as suas redes sociais, mostrando o resultado, viu que todos estavam enchendo a garota de mensagens, por todas as redes sociais, até suas “amigas” estavam atrás dela, e foi quando abriu sua conversa com as amigas e viu que tinha vazado tudo sobre a garota, inclusive que ela gostava da Allison, mas como que isso aconteceu?

Ela nunca contou essa história pra ninguém, e quando foi ver a suposta pessoa que tinha vazado tudo isso, se deparou com um perfil falso, abriu os comentários pra ver o que as pessoas estavam achando sobre isso e se deparou com críticas e pessoas defendendo ela, Allison correu para a sua casa, não queria que isso chegasse até a Lillian, mas já era tarde demais, assim que chegou em casa se deparou com uma mensagem de Lillian, aparentemente ela só havia perguntado se a garota estava bem, mas Allison sabia que ela já estava sabendo, até porque as duas nem se falam, não teria uma razão para a Lillian chama-lá se não fosse por isso. Quando entrou no seu quarto, iria responder a garota, mas outra coisa lhe chamou atenção, sua gaveta estava aberta e seu diário estava aberto, justamente na parte que ela contava sobre a Lillian, a garota ficou apavorada não sabia o que iria fazer, sua privacidade toda, a única coisa que ela tinha certeza que não poderia traí-la, já não era tão guardado assim, agora todo mundo poderia saber todos os pensamentos dela, e pior quem fez isso certamente era próximo dela, ou seja, poderia ser qualquer amigo seu. Então Allison só pensava em uma coisa: descobrir quem invadiu sua casa, e criou essa conta falsa na internet, chamou um amigo distante seu pra ver se ele conseguiria ir a fundo nessa conta e descobrir onde o sujeito estava localizado. Demorou horas até eles descobrirem quem realmente era, Allison quando descobriu ficou aflita, não sabia que aquela pessoa fosse capaz de fazer isso com ela.

No outro dia, já na espera de tudo que poderia acontecer, a garota foi para a escola decidida de tudo que ia fazer, logo no primeiro passo já se depara com risadas para elas e fofocas, e nessas horas ela percebeu que aquele grupo de “amigos” não estavam ali com ela, Allison percebeu que estava sozinha, até que a vista o seu grupo e vê a pessoa que fez tudo aquilo, ela olha bem para a pessoa e fala:

-Oi, Olívia, ou melhor, invasora, que bom te ver, como anda a vida? invadiu muitos diários ontem? na real eu não quero saber, até porque eu pensei que você fosse minha amiga, mas pelo jeito eu me enganei, na verdade eu fui muito cega, pra não enxergar que vocês cinco não eram meus amigos, porque nenhum de vocês ficou do meu lado quando eu mais precisei, vocês só ficam comigo, por causa dos meus seguidores, e só por causa deles todo mundo acha que eu não tenho vida fora da internet o que é um mentira, eu tenho vida, e sim eu gosto da Lillian, mas agora me diz, qual é o problema disso? Porque tu invadiu a minha casa pra isso?

Nesse momento já estava toda a escola em volta deles e então a Olívia responde:

- Allison, na verdade, não fui eu quem fez a conta, foi o Cedrico.

Até que ele, que estava quieto até agora, fala:

- Ora, ora, Allison descobriu direitinho a localização, só mirou no alvo errado; mas enfim, então quer dizer que é verdade tudo aquilo? tu gostando da esquisita do colégio? ou pior, gostando de uma mulher?

Lillian, que estava escutando tudo, sai em sua defesa e a da Allison e fala:

- Cedrico, chega. Tu não tá vendo o que tu fez? Tu não tá vendo a gravidade disso tudo? Porque a Allison gostar de uma menina te incomoda tanto? Na real eu sei uma resposta pra isso tudo, vocês não sabem mais viver como pessoas boas, vocês todos só ligam para números de seguidores e não estão nem aí se vão machucar o outro ou não com comentários de baixo calão. Vocês estão presos nesses celulares e em uma vida que não é real, já passou da hora de vocês todos acordarem pra vida e verem o que estão esperando vocês.

Cedrico então altera o tom de voz e começa a falar mais alto:

- Quer saber qual é o problema? É que eu sou apaixonado por ela e jamais iria perdê-la para a esquisitona do colégio.

Então no meio da discussão a diretora chega e pede para o Cedrico acompanhá-la, e manda todos para a sala. Até que depois de um tempo Cedrico chega na sala recolhe seu material e fala para a Lillian e Allison

- Isso não vai ficar assim, um dia eu volto.

A menina, inspirada e muito empolgada com a ideia da professora Catarina, logo criou uma conta no aplicativo Instagram e, posteriormente, nas demais redes sociais. Nestes perfis eram publicados vídeos, frases, cartazes e dicas, os quais tinham como principal objetivo incentivar os usuários da internet a serem gentis e respeitosos uns com os outros neste ambiente ao invés de promover o ódio.

A vontade de Amélia de ajudar os seus colegas e de tornar a internet um local melhor era tão evidente que foram necessários apenas alguns meses até os perfis criados pela jovem conseguirem diversos seguidores de diferentes partes do país, dando, assim, uma voz maior aos temas “Gentileza e Respeito” nos meios digitais. Além do mais, com tal engajamento proporcionado pelas mídias sociais, outros jovens, crianças e adolescentes conectaram-se virtualmente com as ideias de Amélia e voluntariaram-se a apresentar tal projeto em suas escolas, deixando-o, cada vez mais, com uma proporção e importância maior.

Contos de terror a contos de fadas

Angélica Souza Leopardo

Dandara olhou para sua estante de livros onde, na prateleira comprida e centralizada, estava todos os livros de Edgar Allan Poe em suas melhores edições. Na opinião dela, um excelente escritor. Baixou novamente os olhos para o computador onde tentava começar a escrever seu próximo conto, foi quando o toque do seu celular preencheu o ambiente do seu pequeno escritório. Ela revirou os olhos quando viu que era Christian, seu agente literário, fazendo sua ligação de rotina para cobrá-la sobre o livro.

- O que é que você quer? - perguntou ela, atendendo a ligação com um olhar furioso para a câmera.
- Danda, preciso saber como está seu novo livro, por favor me diga que você começou. - falou, olhando-a com cara de poucos amigos quando ela negou com a cabeça - As pessoas estão ansiosas e a editora também. Por que não saímos para dar uma volta? Assim talvez você encontre inspiração.

Ela havia perdido a conta de quantas vezes ele tentou arrastá-la para fora de casa, mas ela não conseguia. Toda vez que tentou, ao longo dos anos, as lembranças a atacavam e a dor parecia a engolir viva.

- Se sabe a resposta, então não sei porquê pergunta - disse ela, fuzilando a câmera com o olhar e, por instinto levou a mão à barriga onde, por baixo do tecido fino do vestido, se encontrava a longa cicatriz do acidente. Quem dera só tivesse deixado uma marca física, pensou, dando um suspiro pesado.
- Está certo, vou enrolar a editora o máximo que eu conseguir.

Ela desligou antes mesmo de se despedir.

Dandara levantou da cadeira e foi até a janela, um dos poucos contatos que tinha com o mundo exterior desde o acidente. Sua conexão com o mundo poderia se resumir a chamadas de vídeo, ver as notícias na tv e fazer compras pelo site do mercado mais próximo, apesar de que, nos últimos meses, tinha curiosidade de sair de sua casa. Não viu o tempo passar, mas, pela primeira vez em um ano, deixou que as lágrimas saíssem de seus olhos. Estava submersas em lembranças, já ouvira em algum lugar que a voz das pessoas que amamos é a primeira coisa que esquecemos, mas a risada doce e feliz dele, quando ela contou que sua pequena família de dois se transformaria em três, a assombrava todos os dias. Seus devaneios foram interrompidos pelo toque do celular, desta vez era a psicóloga.

- Oi - disse em cumprimento a Agnes, mulher de olhos verdes que a fitava do outro lado da tela.
- Está tudo bem? Seus olhos estão vermelhos - comentou. Danda acenou com a cabeça confirmando. Sempre dizia que sim. - Quer conversar? Quem sabe me falar mais sobre aquela noite - Agnes tentou mais uma vez.
- Está bem - concordou. Ao longo do tempo, ela vinha se esforçando, tentando superar tudo, mas a dor nunca a deixava. Porém, naquele dia, ela queria desabafar, pôr tudo para fora, pois o fardo estava pesado demais, então foi vomitando as palavras enquanto as lágrimas saiam:
- Eu não estava muito bem por conta da gravidez, então quando ele chegou do trabalho, fomos ao hospital, havia um caminhão na estrada, o motorista estava praticamente dormindo e só percebeu tarde demais. O nosso carro virou e virou e-e e-e-u-u só queria que o carro parasse. Quando acordei, falaram que meu marido havia morrido e minha menininha também - gaguejou.

O resto da sessão se passou com a mulher de olhos vermelhos e pesados contando sua história após o acidente que ocorreu há três anos, para a outra mulher que já tinha conhecimento de grande parte dos acontecimentos.

Naquela noite, Dandara parou na frente do espelho e olhou para seu reflexo sem conseguir enxergar a jovem que fora. Ela ainda era jovem e até bonita, mas seus olhos não irradiavam mais luz, estavam quase sem vida, opacos, era o reflexo de uma mulher exausta, totalmente diferente da linda força da natureza que um dia tinha sido. Como a maioria dos artistas, Danda só achou sua arte depois do acidente, quando precisava desesperadamente pôr toda a dor e a raiva para fora, então, depois do período inicial, passou madrugadas em claro escrevendo sem parar, contando histórias igualmente aterrorizantes a que seu mais admirado escritor contava. Até então, escrever tinha sido uma das poucas coisas que a fazia se sentir melhor.

Umás horas depois, durante o sono, sonhou que uma pequena menininha de olhos azuis e cabelos cor de fogo a tirava da cama e a levava para fora de sua casa, para o mundo que Danda, há tempos, não tinha quase nenhum contato direto. Após o acidente, evitava a todo custo sair de casa.

Na manhã seguinte, quando Dandara acordou ela queria sair, queria ver o mundo. Ela não sabia de onde tinha vindo essa pequena corrente de força, talvez ter contado tudo do início ao fim para Agnes tivesse ajudado, ela só sabia que algo a fazia querer olhar ao redor sem ter paredes a sua volta. Queria ver o mundo e as pessoas através de seus próprios olhos, não mais a partir de telas, estava na hora de sair da caverna. E, pela primeira vez em muito tempo, ela quis de verdade superar e viver.

Quando abriu a porta e sentiu a brisa do inverno passar pelos seus cabelos, deu um passo para frente sem hesitar e, aquela mesma corrente de força que a fez levantar naquela manhã, começou a impulsionar seus pés. Ela caminhou pelo caminho que seu coração em frangalhos apontava. No entanto, ela parou assim que viu algo vermelho correndo entre as árvores. E o seu coelho branco, de relógio, que a levaria ao país das maravilhas entrou em uma grande casa onde se lia: "Orfanato Santa Maria". Ela tinha certeza que a pequenina de gigantes olhos azuis e cabelos em chamas de seu sonho era a mesma que acabara de entrar no orfanato.

E aquela onda de força que havia sentido desde que acordou veio mais forte, impulsionado para dentro do orfanato. A menininha estava sentada na sala de entrada, falando com uma boneca, assim que Dandara entrou e o olhar das duas se encontrou, Danda acreditou que poderia ter achado a resposta que estava atrás desde o acidente, aquela pequena menininha talvez fosse o motivo. Dandara se sentou ao lado dela e perguntou:

- Qual o seu nome?
- Mercy - respondeu a pequenina.

E depois de um longo processo de adoção para conseguir a guarda da pequena Compaixão, elas foram para casa. Sua garotinha estava ajudando-a a se curar, assim como Dandara estava ajudando a garotinha a superar seus próprios traumas, pois, apesar de não haver finais perfeitos, há finais felizes. A partir daí, Dandara passou a escrever contos de fadas e não mais contos de terror.

Um reencontro especial

Naíne Grabin

Uma tia curiosa, apaixonada pela internet, que conhecia quase todos os aplicativos e redes sociais mais famosas, acreditava que esses meios tinham um poder enorme e sonhava em um dia ainda reencontrar seu único sobrinho de sangue (filho do seu irmão já falecido). Um dia, estava ela navegando pelo Facebook, quando decidiu procurar o nome dele e, achando sua conta, solicitou amizade. As únicas coisas que ela sabia sobre seu sobrinho era o estado onde morava, seu nome e restava ainda um álbum de fotos velho e amarelado.

O coração da tia quase saiu pela boca ao ver que ele aceitou sua solicitação. Ela começou a conversa e, para provar que era mesmo sua tia, enviou-lhe as fotos de quando ainda era muito pequeno, do seu velho álbum de fotos. Para sua surpresa, o sobrinho se emocionou muito, quase não acreditou no reencontro virtual.

Depois de alguns meses de longas conversas, os dois finalmente marcaram a data do encontro (no aeroporto), uma vez que a distância entre eles era de mais de mil quilômetros. Os dois, muito animados, resolveram fazer isso logo.

A etapa seguinte era convencer a avó, que estava muito resistente e temerosa quanto à índole e caráter do neto, já que nunca houve convívio familiar ou sequer notícias do mesmo. Porém, a tia do garoto conseguiu convencer a avó de encontrar e receber seu neto em sua casa, para conversarem e esclarecerem dúvidas sobre a vida um do outro.

O encontro no início foi tímido, mas depois de algumas horas de conversas e confissões o amor estava no ar. Sim, o neto conquistou a todos com sua humildade, simplicidade e, principalmente, sua alegria que era contagiante. Continuaram os encontros físicos anuais até o presente momento. E os virtuais? Ah esses são quase que diários!

E assim conhecemos mais sobre o poder incrível que a internet pode nos promover, mas mesmo assim temos que ter muito cuidado ao trazer alguém desconhecido para a nossa casa, convívio, rotina e nossa vida.

**Conexões – As relações na era da
internet**

Maria Fernanda Bilicki dos Santos Silva

Ah, bom dia! Mais um feliz e belo dia na minha rotina, ir para a escola, ver meus amigos, me divertir, e claro, aprender. Até parece. Acordei mais um dia tendo que ir pra escola obrigatoriamente, já que minha mãe sempre briga quando eu falto. Fala sério! Que chatice. Eu não gosto das pessoas daquela escola, eu com certeza prefiro minhas web-amizades. Sim! Essas são as melhores pessoas com quem eu poderia conversar. Elas me entendem, diferente das pessoas à minha volta. Agora que cheguei na escola, tenho aula de português. Eu gosto dessa matéria.

- Bom dia, Clare! - disse a garota animada da minha classe assim que cheguei na sala de aula.

- Bom dia! - respondi.

Mais um dia inteiro de aula se passou, eu não via a hora de ir para casa e ficar mexendo no meu celular.

- Ok turma, liberados! - disse o professor.

Ah, finalmente posso assistir a vídeos e conversar com meus melhores amigos! Assim, acaba meu dia e eu me despeço dos meus amigos.

- Tchau, galera! Até amanhã - disse me despedindo deles.

Finalmente posso dormir.

No dia seguinte, o mesmo se repetiu, a garota animada me dando bom dia e aulas entediadas. Mas nesse dia, algo diferente aconteceu. Uma menina da minha sala que está sempre sozinha, veio falar comigo.

- Oi, Clare! Tudo bem? Eu percebo que toda vez você está sozinha e longe de todos da sala, assim como eu, então resolvi te chamar para ver se poderíamos nos dar bem - disse a menina.

Cara! Não consigo descrever o susto que eu tomei, ao mesmo tempo que fiquei nervosa, fiquei muito surpresa por ela vir falar comigo. Justo comigo! A nossa conversa durou por alguns minutos, até ela me perguntar algo...

- Eu estava com uma dúvida - disse ela antes de completar a frase - você também tem web-amigos?

Eu fiquei imaginando como ela saberia de algo como aquilo, mas logo respondi aquela pergunta.

- Sim, tenho - eu disse - E você?

- Sim, tenho! - ela me respondeu.

Fiquei feliz por saber que não era a única que estava nessa, ela também tinha amigos fora da vida real.

Alguns dias passaram e nós fomos conversando em todos os intervalos da escola.

Porém chegou um dia que eu pensei "Ela é uma ótima amizade! Acho que agora não preciso somente das amizades na internet, até porque, encontrei alguém que me entenda e está no mesmo local que eu!" E fui compartilhar isso com a minha nova amiga.

- Ketley! - era o nome dela - Agora eu entendi. Existem pessoas fora da internet que me entendem, por exemplo, você é uma delas!

Ela abriu um sorriso em seu rosto e me disse:

- Sério?! Eu estava pensando no mesmo! Até pouco tempo atrás achava que ninguém fora da internet poderia me entender, mas eu te conheci. Obrigada!

Eu realmente entendi. As amizades na internet são muito legais, mas quando você tem alguém com você ao seu lado, por mais que seja uma ou duas, é com certeza uma sensação muito melhor!

Reflexos da Pandemia nos Dias Atuais

Gabriela Oliveira da Silva Leal

Um jovem dependente de internet não saía do celular para nada. Era antissocial, não tinha amigos, ficava o dia todo no quarto, mal comia. Era 2020, o começo de uma pandemia, veio o distanciamento social, ninguém ia para fora de casa, quase todos tinham medo de pegar covid-19. Para ele, não afetou tanto já que não tinha amigos. Ficava mais dentro de casa e nem falava com ninguém pelo celular, só com os pais que moravam com ele. Mesmo assim, não tinha muito contato.

Com tudo isso que estava acontecendo, os pais tiveram uma brilhante ideia de ir morar com os avós de Lucas, numa fazenda isolada de quase tudo. Ele não ficou triste nem feliz já que não fazia muita diferença. Chegou o dia de ir e já estava tudo pronto, quando o pai de Lucas testou positivo para covid-19. Ele teve que ser internado, pois estava muito grave e já era mais de idade. Não conseguiu resistir e veio a óbito. Ainda assim, sua mãe continuou com a ideia de ir para a casa dos avós. Eles foram e Lucas ficou bem abalado com a morte de seu pai. Passava quase todos os dias no deck onde eles pescavam e lembrou dos momentos bons que tiveram. Já não via mais sentido em viver, não sabia o porquê de seu pai ter ido embora.

Lucas passou a pensar em tudo que podia fazer para não sentir tanta falta. Seus avós tentavam animá-lo, mas não tinha sucesso. Ele mal comia, passava as tardes na beira do lago conversando sozinho. Teve um dia que ele sumiu e passaram a tarde toda procurando por ele. Ao encontrá-lo, ele havia desmaiado de tristeza e o levaram para o hospital mais perto. Descobriram que ele estava recebendo ameaças de morte pela internet, sofrendo bullying e não tinha desmaiado de tristeza e sim tentando o suicídio, pois não aguentava mais. Não contou para ninguém que estava sofrendo sozinho havia meses. Quando ele teve alta do hospital, sua mãe evitou que ele tivesse acesso à internet e passou a conversar mais com seu filho. Viraram amigos. Ele já tinha começado a se alimentar melhor, tinha se recuperado do ocorrido, mas, mesmo assim, sua mãe ainda tinha receio de acontecer tudo de novo e passou a observar o comportamento de seu filho.

[...]

Insensível

Amanda Guedes Oliveira

O relógio marcava 8:34 da manhã, o silêncio da sala fazia o tic tac do relógio parecer tão alto como se alguém estivesse gritando no meu ouvido. Eu não sabia mais o que responder para o policial em minha frente, tínhamos passado a madrugada inteira em um interrogatório que não trouxe nenhuma novidade nem para mim nem para a polícia.

- Eu preciso que você me ajude aqui Ícaro, enquanto você não me contar tudo que sabe não vamos te liberar." Diz o policial.

- Eu já te disse tudo que sei, conheci ela pela internet, ela disse que era maior de idade, marquei um encontro com ela e quando ela apareceu eu fui embora porque não queria problemas." Respondo com a mesma história de sempre, já perdi as contas do tanto que repeti isso.

- E como explica o fato dela estar desaparecida? Não acha estranho ter sido você a última pessoa a vê-la?

O policial já havia feito essa pergunta antes, como todas as outras que ele já fez. Dizem que quando isso acontece é porque a polícia não tem provas suficientes e querem que você confesse.

- Na verdade, senhor policial, eu não acho nada estranho, qualquer um pode ter sequestrado a garota. Respondo na maior frieza do mundo, quero que ele entenda que não tem mais nada que eu possa responder.

- Você havia dito que conheceu ela pela internet, em nenhum momento duvidou que ela era menor de idade? Porque não pediu a foto de um documento?

É claro que duvidei, tinha horas que ela falava coisas muito imaturas, porém quando pedi foto do seu RG ela mandou um falso. O policial fica pensando no que mais perguntar enquanto eu olho para o relógio. Fico triste pela menina já que havia conversado com ela por dias, mas eu não tenho nada a ver com essa história.

- Sua família sabia que estava conversando com a moça? (Que tipo de pergunta é essa?)

- Não. Ninguém sabia.

- Por que não contou? Seus amigos não sabiam que você sairia naquele dia?

- Eu não tenho amigos, moro sozinho e não tem porque eu contar para meus pais sobre alguém que eu estou apenas conversando. Nunca contei para ninguém sobre a garota, nem haveria um motivo para isso acontecer, ela era uma menina qualquer que eu estava só conhecendo. Talvez essa fala pareça insensível mas não passa da verdade, não é como se eu estivesse apaixonado.

O policial anota o que eu digo, ou apenas fingi.

- No que trabalha Ícaro?

- Sou formado em arquitetura, tenho meu próprio escritório. Nos dias em que conversei com a garota eu estava fazendo um projeto para uma empresa de móveis.

- Sobre o que era o projeto?

- O que isso tem a ver com o caso?

Realmente não entendo como isso pode ajudar a polícia a achar a menina. Espero um pouco e o policial não responde.

- A empresa queria que eu fizesse um projeto de uma loja, eles haviam comprado um terreno e queriam que eu desenhasse como ficaria.

- Sabe me dizer o nome da empresa?

- Cia dos Móveis. (Jamais escolheria esse nome para minha empresa.)

- Porque começou a conversar com a garota?

- Ela começou a me seguir nas redes sociais, achei ela bonita e parecia maior de idade, então mandei uma mensagem e ela logo respondeu. Na mensagem eu me apresentei e falei que achava ela muito atraente. Ela diz que me achou muito elegante e depois disso começamos a conversar.

- Depois de quanto tempo conversando vocês marcaram de se encontrar? Porque naquele local?

O policial parecia estar chegando a algum lugar, mas ainda suspeitava que eles não tinham provas contra mim.

- Foram 4 semanas conversando. Em uma noite estávamos falando sobre lugares que gostávamos de ir e ela mencionou o restaurante Ítalos, falei pra ela que a gente poderia ir juntos e ela aceitou. Marcamos então para o dia 21 de novembro em uma sexta-feira. Nessa hora o relógio já marcava 9h05min, não aguentava mais ficar naquela sala, estava com muita fome, cansado e nem pensava mais direito.

Do nada escutamos uma batida na porta, era uma mulher, talvez a secretária. O policial sai imediatamente da sala me deixando sozinho apenas com o tic tac do relógio. Eu começo a refletir sobre a história que o policial havia contado sobre o desaparecimento da menina, como ela havia de sumir assim? Era um restaurante, estava cheio de gente, ninguém viu ela sendo levada? As ruas não tinham câmeras de segurança? Será que o policial mentiu sobre o desaparecimento dela? A polícia pode mentir em um interrogatório?

O policial então volta para a sala, a expressão em seu rosto parecia de quem acabou de ser derrotado.

- Ícaro, você está liberado.

Fico me perguntando o que mudou em menos de 15 minutos. Saio da sala e ao caminhar para a saída vejo Agatha chorando em uma mesa conversando com outro policial. Meu corpo enche de raiva por toda a mentira e cansaço. Ela finalmente olha para mim com os olhos ainda cheios de lágrimas quase como se estivessem pedindo desculpas. Saio daquele lugar horrível onde quase fui preso injustamente por conta de uma menininha mimada. Pelo menos aprendi uma lição, se for para convidar uma menor de idade para sair, que pelo menos ela seja burra e que não seja em um lugar tão público.

Crônicas

Ensino Médio

Noite sem Estrelas

Eduarda Rodrigues Rhoden

Parada em frente a janela, olhando para uma minifloresta que fica ao lado de minha casa, me deparo com pensamentos profundos. Os galhos das árvores, com suas folhas, balançam em sincronia. Penso em como ainda não vivi e o quão pouco já estive nesta Terra. As gotas de chuva que caem do céu me fazem lembrar das pessoas que já conheci, das conexões que efetuei no decorrer de minha estadia por aqui. Existem tantas conexões, todas diferentes umas das outras.

Consigo me lembrar de algumas delas neste momento. Sabe quando você acaba de conhecer uma pessoa e parece que vocês se conhecem de outra vida?! É bizarra a ligação criada com aquela pessoa, é tão mágica que não existe uma palavra capaz de descrevê-la. E quando ela simplesmente acaba, dói. Escutando o barulho da chuva batendo no telhado, concluí que as boas conexões doem quando acabam.

Existem também as conexões amorosas, essas, quando não são cativadas da maneira correta, fazem um mal para o coração... Ao mesmo tempo em que bem cativadas nos trazem uma sensação de conforto. É criado um laço familiar que, com o tempo, pode se tornar o lar de alguém. Vejo então como o dia hoje foi triste, não havia sol. Ainda assim, não era um dia de chuva, não até agora.

Na atualidade, é complicado fazermos conexões profundas com as pessoas. O avanço da tecnologia e, com a criação da internet, tínhamos tudo para fazermos ligações com diversas pessoas e de qualquer parte do mundo... Com a criação das redes sociais, algo pensado para nos aproximar, acabou nos distanciando, já que elas se tornaram um poço de vaidade à formosura. Infelizmente aqueles que não fazem parte deste meio são desprezadas e deixados de escanteio.

A noite está fechada com nuvens cinzas, há um cheiro de fumaça. Lembra aqueles dias de tempestade... Naquela época, eu e minhas irmãs éramos crianças. Eu, a mais velha. Recordo do tempo em que elas vinham dormir comigo escondidas, elas tinham medo dos trovões. Hoje em dia, até rimos destes acontecimentos, mas acredito que eles foram essenciais para construirmos a nossa ligação.

Contudo, na atualidade sinto que isso já não seria possível. Às vezes, nós, seres humanos, estamos tão ocupados, mexendo em nossos aparelhos eletrônicos que esquecemos que existem algo além de uma rede social, ou um celular... Gosto de dias como hoje, chuvoso, mas não muito. Existe um cheiro de verde, da terra molhada, não tem nenhuma estrela no céu, não é uma noite consideravelmente bonita, mas estas são as melhores noites para refletirmos. Sem o brilho das estrelas, nos perdemos em pensamentos, dependendo, até se tornam noites aconchegantes.

Dependência tecnológica

Ana Paula Perez Luzio

WhatsApp, Instagram, Twitter, Facebook... O quanto nos tornamos dependentes desses sites?

Hoje, quando cheguei em casa, as redes sociais do meu celular não estavam funcionando, reiniciei ele umas dez vezes para voltar a funcionar e checava de poucos em poucos minutos se já não tivesse voltado. Não me comunicar com meus amigos conseguiu mudar o humor do meu dia, não ter com quem me expressar e querer contar algo para uma amiga que é o que muitas vezes me deixa melhor foi cortado. Algum tempo depois, minha avó, depois de ver o jornal me disse que isso tinha ocorrido no mundo inteiro (uma falha do sistema). Isso me fez refletir o quanto esses meios de comunicação se tornaram a essência de como conseguimos nos informar sobre o mundo, já que sem eles fiquei sem saber o que estava acontecendo e o grande impacto deles também na minha vida pessoal.

Nos dias atuais, com a pandemia, a internet se tornou fundamental para manter uma certa rotina e parâmetros de "normalidade". Vemos que pela primeira vez o contato com o mundo "real" só é possível via conexão digital, e o quanto esse contato, quando quebrado, pode nos prejudicar.

No entanto, embora as redes sociais tenham se tornado aliadas, já que atualmente, cerca de 75% dos brasileiros têm acesso à internet (IBGE), e a maioria deles se informa justamente pelas redes sociais, também é verdade que a grande rede pode ser uma fonte de ansiedade, de frustração e podendo até ser um sério problema de dependência. Quantas pessoas no mundo hoje podem ter passado por algo que precisavam das redes para se comunicar e não conseguiram? Quantas pessoas que usam as redes como uma forma de se ajudarem sentiram o impacto sem isso em suas vidas?

O uso intensivo da internet gera essa dependência que centraliza o uso constante das redes sobre qualquer outra ação do nosso cotidiano, já que para nós, jovens, é essencial a sociabilidade digital. Para concluir, acredito que devemos continuar refletindo sobre essas questões relacionadas à tecnologia, além de nos perguntar o impacto disso para o nosso futuro, já que por agora já estamos assim, então como estaremos em alguns anos?

Será que vale a pena?

Mariana Pereira Stefani

"Parabéns!! Você acaba de ganhar 500,00 reais. Clique aqui para receber seu prêmio." Mas que prêmio? Nos últimos dias, não participei de nenhum sorteio. Frases como essa atormentam minha cabeça que é inteligente para perceber que se trata de uma mensagem fake. Porém, desta vez a resistência perdeu para o impulso. Era uma boa oferta, então, cliquei. Como consequência, os meus dados pessoais foram rapidamente parar em mãos desconhecidas.

É bom lembrar que nem tudo são flores. Logo após a 'emocionante' experiência, fiquei a pensar no quanto a tal comunidade de redes pode ser prejudicial para nós, inocentes seres humanos. Para muitos, ela é uma grande descoberta tecnológica. Por exemplo, os idosos que há pouco tempo compreenderam o significado da palavra. A maioria deles, vendo isso, não sabe dos perigos da internet. Imagine uma vovó, que mal sabe a própria senha do celular, e recebe tal mensagem falsa. Bom, não tenho a capacidade sequer de pensar.

Por outro lado, esse espaço virtual pode ao mesmo tempo nos ajudar nos estudos, em pesquisas e na comunicação, por exemplo. Sendo assim, não devemos julgar a tecnologia como vilã da história, pois é necessário apenas saber lidar com a 'net' e com a série de obstáculos que ela nos oferece.

"Plimm", toca o despertador da Maria, já está na hora dela postar a sua sequência de stories matinais, alarme esse definido por ela mesma. É claro que a sua relação com as rede sociais é muito próxima. Ela tem mais de meio milhão de amigos na rede. Então, a moça liga o celular e começa a falar com a tela fria do aparelho. Imaginando que há pessoas por trás que realmente se importam com tudo o que se passa na sua difícil vida de influenciadora digital. Ela fala coisas lindas, que talvez só se materializam ali, naquele ambiente virtual.

Se pararmos para pensar, existem muitas Marias como essa que se conectam em redes para, então, compartilhar sua vida. Dessa forma, ganham dinheiro com likes e comentários dos seus 'seguimores', ditos amigos. Porém, mal sabem quem pode estar por trás.

Pois bem, as relações humanas nessa nova era digital de internet mudaram e estão em constante transformação. As modificações sociais, desde a conexão até a desconexão do "eu" com o mundo real. Tais conceitos nos fazem refletir sobre o verdadeiro sentido da vida, sobre viver bem, mantendo uma harmonia com o corpo, mente e espírito.

Percebe-se que, nos dias atuais, as pessoas andam focadas apenas em bens materiais, optam por atribuir grande valor a supérfluos. Dessa forma, acabam por querer esquecer o real sentido da vida.

Mensagem não recebida

Isabela Chisté Cardoso dos Santos

Eu havia combinado com ela na rodoviária às 15 horas, e lá estava eu, ansioso, sem conseguir esconder o sorriso que insistia em aparecer no canto da minha boca. Eu me sentia cansado, como se a ansiedade não permitisse que relaxasse. Meu peito parecia estar a ponto de explodir. Minhas mãos suavam e era impossível manter a minha perna direita parada. As pessoas passavam por mim e no meio daquela multidão parecia impossível achá-la. A verdade é que eu nem sequer sabia direito como era seu rosto. Eu sabia o quanto ela era legal, que gostava de Beatles como eu e o quanto eu havia esperado por esse momento. O quanto eu insisti para a minha mãe que não havia problema em ir para outra cidade conhecer uma amiga da internet. Sabia a quantidade de horas que eu tinha dormido a menos na noite passada, por conta da ansiedade. Aquele momento de adrenalina, por finalmente acontecer aquilo pelo qual você esperou por tanto tempo. Três meses, para ser mais exato. Disso eu sabia. Olhei o celular, 16 horas. Resolvi mandar uma mensagem perguntando se ela já estava a caminho, mas a mensagem não chegou. 16h30min. A minha perna já não mexia mais. O suor das minhas mãos havia secado e meu coração parecia já caber no peito. Dezessete horas. No meu peito agora batia apenas o medo. Medo de ser deixado por alguém que eu nem sequer conhecia. Medo de ter sido tão idiota a ponto de, talvez, me apaixonar por uma pessoa que nem existe de verdade. Então foi inevitável não pensar em todos os outros eus nas rodoviárias, estações de trens, shoppings e parques. Pessoas que abdicaram do seu tempo, deram do seu dinheiro, a troco de um abraço, que pelo outro, parece não valer de nada.

Há quem diga que a internet aproximou as pessoas, mas não acredito que seja assim com todo mundo. Comigo não foi, e que sentimento horrível é esse de acreditar que encontrou alguém com quem poderá de fato criar uma amizade, mas no fim perceber que só perdeu seu tempo. Porque na era digital é muito fácil encontrar aquele que parece ser a sua alma gêmea, que gosta das mesmas músicas que você, dos mesmos filmes, ri das mesmas bobagens... difícil é achar alguém que vá além da tela, além da conta de usuário, além da foto de perfil. Alguém para se conectar além do on-line. Talvez a internet seja uma grande ilusão pois quanto mais você se aproxima, mais você se afasta também! Às vezes, se afastar de si próprio para agradar o outro, ou se afasta do outro, que está perto, para ficar perto do que está longe. E por vezes, quem está longe, nem quer te ter tão perto assim. A internet pode ser simbolizada pelo Yin-yang, já que o mal e o bem andam lado a lado. Há quem ache legal ignorar e há quem chore por ser ignorado.

Há quem goste de ajudar e quem goste de humilhar. Porque se tem algo que a internet faz bem é revelar a maior face das pessoas, mesmo que, contraditoriamente, ela realize isso escondendo o rosto delas. Talvez, ela também possa ser simbolizada pelas máscaras gregas, já que parece que todo mundo aparenta estar bem, mesmo quando está mal. Porque ninguém conta a parte ruim, de como é fácil ser enganado, iludido, de como é se sentir humilhado.

17h43min. Assim como a mensagem, ela nunca chegou.

Yasmin Soares da Silva

Fazia dias que eu vinha me sentindo diferente. Mudando meus hábitos, minha rotina, fazendo exercícios do qual eu nunca gostei. Mas eu não sabia se estava fazendo isso por mim ou tentando ter a vida dos outros. Dias antes de tudo isso começar vi um storie no Instagram de uma menina bem definida, postando foto de sua alimentação saudável e mostrando seu corpo “perfeito” - é isso que a sociedade coloca como padrão de beleza feminino. Desde então a minha autoestima decaiu e o ato de se comparar com a vida alheia veio à tona. Nos primeiros dias, eu até estava gostando, mas com o passar do tempo me senti frustrada. Frustrada por não estar tendo os mesmos resultados e, principalmente, por tentar viver uma realidade que não me trazia felicidade.

Mas a real é uma só: por que se comparar e tentar ter hábitos que outras pessoas têm, mas que não irão me trazer alegria? Diante disso, eu aprendi a me amar, respeitar os meus limites, valorizar cada curva do meu corpo e fazer atividades que me deixem contente. Aprendi que não sou igual a ninguém e também não preciso ser. Acredito que a era da Internet deve servir para agregar na vida de cada pessoa e, caso for preciso mudar hábitos, que seja por você, nunca pelos outros.

Sofia Bonfada da Silveira

Isto não é uma história de amor. Acho que não pode ser considerado amor se só eu amei. Pensando bem, acho que pode sim, afinal todo mundo ama diferente. A questão é: esse não foi um amor comum. Promete que não vai rir? Aqui vai: tudo começou no Twitter, existe algum lugar melhor para conhecer o amor da sua vida?

Sim, existe, mas deixa eu continuar. Quando 2021 começou, fiz uma única promessa: ser vulnerável. Eu passei muito tempo me privando de sentir, por medo, por trauma, então eu decidi que se o amor batesse na minha porta, eu ia convidá-lo para entrar, passar um café e fazer de tudo para não ir embora cedo demais. Mas, alerta de spoiler: ele foi. E, agora, eu nunca vou poder tocar nesse amor. Que droga!

Quando somos jovens, a gente acha que sabe de tudo, a gente acha que a vida é uma novela e romantiza cada coisinha que acontece. Foi por causa disso - e por causa da minha promessa de vulnerabilidade - que eu acabei me apaixonando por alguém que morava em outro estado, para ser mais precisa, por alguém que morava à 1.072,3 km de distância.

A parte boa de um "webnamoro" é que só tem uma coisa que se pode fazer: conversar. A comunicação é ótima. E a gente tenta, usa todas as redes sociais possíveis para fazer a distância diminuir um pouquinho e até que deu certo, pelo menos por um tempinho. Eu comprei dez envelopes roxos - minha cor favorita -, e despejei meu coração em uma carta, borrifei um pouco do meu perfume, bordei um pedacinho de mim em um pano e mandei para São Paulo. Apesar dessa distância absurda, a gente tinha uma coisa em comum: o céu. E a cada estrela cadente, eu fazia o mesmo pedido: ele. Para sempre. E acho que o universo ria da minha cara, ele já sabia que não ia durar.

E tudo bem, nem tudo foi feito para durar para sempre. Quando um relacionamento acaba, a gente sempre pensa "será que eu desviei de uma bala ou perdi o amor da minha vida?" e, dessa vez, eu sei que desviei de uma bala, ou melhor, de uma bomba. Mas é óbvio que eu só fui perceber isso meses depois.

A gente queria muito que desse certo e provar para todo mundo que era possível amar sem tocar, mas só querer não foi o suficiente, só amor não foi o suficiente. Mesmo com todas as declarações, as músicas e as cartas de amor, não deu certo. O pior é que toda a nossa história aconteceu pela tela do celular, sem primeiro encontro, sem primeiro beijo, sem abraços de despedida, sem foto para queimar, mas um monte de envelopes roxos que eu nunca vou usar. Eu avisei que eu era dramática.

A parte mais difícil é quando acaba. É como levar um milhão de facadas, como se uma parte sua tivesse morrido, como se o mundo tivesse acabando, mas não está. Depois de um tempo, você olha para trás e pensa "caramba, como eu fui exagerada!", me despedacei por alguém que me fez sentir mais quando foi embora do que quando chegou. Eu chamava ele de "minha lua", mas não entendia quando ele mudava de fase. Ele me chamava de "meu sol", mas não entendia quando eu queimava demais. Eu não pude correr atrás. Eu não pude ir até a casa dele e implorar para a gente não acabar. E não, eu não podia nem mandar uma mensagem, fazer uma ligação, porque nem aquelas milhões de redes sociais que formavam o nosso relacionamento tinham sobrevivido. "Você foi bloqueado por este contato", "usuário não encontrado". Ele se foi sem deixar rastro, sem contato e deixou um monte de promessas quebradas e estrelas mortas. Aquela borboleta que pousou no meu dedo, voou para longe, mais longe do que já estava.

Quando somos jovens, a gente acha que sabe de tudo, mas não sabe, nunca sabe, nem gente velha sabe de tudo. Eu não me arrependo, acho que a gente não pode se arrepender de algo que um dia nos fez feliz. Então eu faria tudo de novo, eu quebraria meu coração mais um milhão de vezes se fosse necessário. Eu sempre achei o coração meio masoquista. Ele quebra o tempo todo e mesmo assim não desiste de amar, não importa o quanto doa, ele sempre está pronto para amar de novo e de novo, e de novo, até achar o amor que não vai doer.

No final, tudo o que sobra é a saudade, as lembranças e, no meu caso, as mensagens. Eu deletei o Twitter do meu celular, não quero mais saber de amar a distância. Aqui vai um conselho: nunca, jamais, nunca mesmo se apaixone através da internet, dói demais e sempre acaba. Quer saber? Acho que foi sim uma história de amor, meio inconventional e curta demais, mas foi amor.

Conexões: as Relações na Era da Internet

Laisa Alejandra Ravalha Cheveste

Sem sono, acorda cedo, logo pega seu celular, nem deu tempo de abrir as cortinas ou até mesmo ir ao banheiro. 5:30... 6:30... 7:30... Como o tempo passa rápido enquanto se rola o feed infinito, não é mesmo? Está na hora de “tomar jeito”, como a mãe da menina sempre fala.

Ela levanta, vai até a cozinha e abre a geladeira, mas lembra de uma dieta incrível que uma tal blogueira estava fazendo. “Jejum de 7 dias”, decide tentar. Sua mãe começa a notar a falta de apetite repentino da filha que, antes, tomava achocolatado pelas manhãs. A menina precisa colocar o uniforme, mas antes de subir para seu quarto, aproveita a boa luz da sala e decide tirar uma foto. Ela estava ansiosa para testar o filtro novo que tinha visto no Instagram. Ele era perfeito, tirava as olheiras, afinava o nariz, deixava as bochechas levemente coradas. Tudo o que ela não era, mas, enfim, na internet é assim mesmo.

Os dias passam e a rotina segue... Cada vez com mais dedicação aos stories matinais. Nada mudou, mas tudo mudou.

5, 15, 30 seguidores a mais. Fantasias o tédio da rotina sempre funciona. As pessoas gostam de ver a vida do outro e sentir que é a sua. Até que... Tudo mudou: 2,5 milhões de visualizações em um vídeo de dancinha! A menina sentiu que a vida melhoraria, que finalmente seria vista pelos colegas, seria desejada pelos garotos e comentada por onde passasse. No domingo à noite, todas as colegas que a ignoravam, acabaram comentando palavras de incentivo e amizade. Uma parte dela sentia que não eram comentários sinceros, mas preferiu acreditar que o mundo estava sorrindo para ela, finalmente.

6:20, quase não dorme à noite, mas não faz mal, é a ansiedade de ver o mundo abraçando-a. Passou o tempo imaginando todos parabenizando-a e falando seu nome. Sua mãe nem precisou chamá-la para o café, já estava com uma receita em mente, seus seguidores iriam amar: panquecas de banana com aveia! Mesmo ela não sendo muito fã de banana.

12:50, sua mãe a busca na escola e faz a pergunta diária: “Como foi o dia, filha?”, já esperando uma resposta entusiasmada, pois percebeu o ânimo dela pela manhã. Sabia que era um momento importante em sua vida, mesmo não entendendo esse negócio da internet e fama inesperada, estava feliz. Não via aquele brilho no olhar da filha há tanto tempo... Mas, surpreendentemente, a menina responde:

— Sei lá mãe... Pensei que seria diferente - instigada, a mãe questiona novamente:

— Mas como assim diferente? O que você esperava filha?

— Eu esperava ser notada, parece bobo, mas fui uma idiota em esperar que as pessoas que sempre me desprezaram finalmente vissem como eu posso ser legal. Talvez eu nem seja legal, na verdade eu sou tão comum, só mais uma menina sem personalidade, carente por ser notada, por que alguém iria querer me conhecer? — ela responde enquanto brota lágrimas em seus olhos.

Com toda sua experiência como mãe, nunca tinha visto esse lado em sua filha. Toda essa confusão misturada com insegurança, isso a assustou, talvez nunca tivesse parado para perguntar como a filha realmente estava, ou perceber a forma que a internet a estava mudando. No momento, se sentiu culpada, mas ao mesmo tempo lembrou da sua juventude e, por mais que fossem épocas diferentes, já tinha se sentido daquela forma. Sabia que sua resposta poderia influenciar para sempre a forma como a menina se sentiria sobre a opinião alheia.

— Filha, você não é “só uma menina comum”, você é a Ana. A Ana que nunca mata insetos, a Ana que ama meias com estampas diferentes, a Ana que escreve textos incríveis, mas odeia português, aquela que dá pra reconhecer a risada de longe — Ana dá um sorriso de canto — O que eu tô querendo dizer filha... É que você não precisa ser o que os outros esperam, quando você já é alguém. É fácil se perder em si mesma quando ainda está se descobrindo, mas não pode esquecer que tem um lado seu, que é só seu, que não precisa ser postado na internet pra ser real.

A mãe sente que era o conselho que gostaria de ter recebido durante sua adolescência, que talvez fosse até mais difícil para Ana, que vivia no século das redes sociais, onde a realidade pode ser moldada e filtrada, amizades formadas por mais influência e número de seguidores, tudo é perfeito, até olhar por trás das camadas de filtros e quantidade de curtidas.

Caro leitor

Amanda dos Santos Alves

Quero lhe contar a história de Atenas e como ela se refez depois da tempestade de emoções que ela passou. Atenas nasceu e viveu em Londres, na Inglaterra, até seus 18 anos. Ela começou a faculdade de Artes e, com 19 anos, resolveu largar tudo e se mudar para o campo. Isso só foi possível porque o pai dela é um juiz muito prestigiado e comprou um pequeno sítio para ela e a sustentou depois que ela se mudou.

Se você está pensando que isso é loucura, você está certo. O que acontece é que Atenas passou por um momento muito difícil que a deixou com uma ferida tão profunda e, ao mesmo tempo, invisível aos olhos dos outros, coisa que nenhum terapeuta conseguiu ensinar: como fechar aquela coisa horrível e dolorida?! Quando nada funcionou para fazê-la se sentir melhor, ela mudou para o campo e encontrou a paz que procurava.

Como ela conseguiu isso? Bem, não foi algo fácil, pois nunca viveu no campo, mas graças à internet aprendeu algumas coisas e aprende mais a cada dia. Quanto a sua ferida, a rotina a ajudou e a ferida se fechou lentamente até virar uma cicatriz que ela nunca toca. De uma rotina agitada na cidade com muitas festas, passou para uma rotina caseira com corrida, andar a cavalo, cuidar da horta e do pomar, fazer terapia por videochamada, ter toda a interação social pela internet e fazer faculdade a distância.

Atenas ama qualquer tipo de arte e faz a maioria delas, ela tem uma loja on-line na qual vende suas peças de artesanato e suas pinturas, também possui um perfil na internet onde posta suas obras literárias, suas encenações de momentos históricos, suas músicas, sua rotina de exercícios, incluindo dança, e sua alimentação. Quanto à parte financeira, bom, ela decorou toda a sua casa com seus trabalhos, faz a maioria de suas roupas para vestir, produz muitos dos seus alimentos e basicamente só tem que comprar alimento para o Príncipe (cavalo) e a faculdade é paga pelo pai, para quem ela sempre pode pedir ajuda financeira. Já a casa é autossustentável.

Certa manhã, Atenas estava em sua corrida matinal quando percebeu que mais alguém já tinha percorrido aquele trajeto, o que era incomum, pois por mais que não fosse uma propriedade privada, não havia vizinhos e nem pessoas que costumavam correr ali antes das 6 da manhã. À tarde, ela percebeu uma movimentação a alguns quilômetros da casa dela, mais uma coisa incomum. Atenas não gostou nada disso, ela escolheu aquele lugar porque não tinha ninguém por perto, ela se sentia intensamente desconfortável em conversar com pessoas desconhecidas depois do ocorrido, por isso fazia tudo pela internet. Para tentar se acalmar, foi pegar camomila na sua horta.

- Oi - falou uma voz masculina e um tanto familiar atrás dela.

Ela se virou e reconheceu imediatamente quem era: Pietro, seu ex-namorado. Ela o conheceu na festa de aniversário de uma amiga em comum, logo que Atenas entrou para a faculdade e começaram a namorar logo em seguida. Eles tiveram aquele relacionamento de filme, ele era carinhoso e a acompanhava em tudo, mas depois do incidente ela não conseguiu mais falar com ele. Um dia antes de se mudar para o campo, mandou uma mensagem dizendo que estava confusa e precisava de um tempo para pensar e que ele não devia procurá-la.

- Oi - falou irritada - o que você está fazendo aqui?

- Estou procurando o amor da minha vida, você a viu?

- Não sei de quem você está falando. Se estiver falando do que aconteceu um ano atrás, está perdendo o seu tempo. Eu disse que não era para vir atrás de mim.

- Desculpe se eu continuo apaixonado pela pessoa que me deu um pé na bunda sem ao menos uma explicação decente sobre o que eu fiz de errado. A gente estava bem e aí fomos para aquela festa e depois você fica três dias sem falar uma palavra comigo e, quando finalmente me manda uma mensagem é com desculpas insignificantes, que todo mundo fala em um término.

- Pelo amor de Deus! Nem tudo gira em torno de você, Pietro. Eu estava tão apavorada que não consegui olhar para você e para conseguir melhorar eu deixei tudo o que eu tinha e vim viver uma vida nova aqui, o único lugar que eu me senti segura e longe de todo mundo que eu algum dia conheci - ela gritou aos prantos.

- O que houve?

- A minha mãe não te contou?

- Ela não me disse nada.

Então, ela contou tudo a ele, sentiu como se um peso saísse de seus ombros, uma sensação que nem na terapia ela havia sentido. Nunca quis abandoná-lo, mas depois de tudo que ela passou a última coisa que ela queria fazer era falar sobre aquilo e o único jeito de conseguir isso era se distanciar de todos. Depois de todas as lágrimas e pedidos de desculpas dos dois, Atenas o convidou para entrar e colocarem o papo em dia. Atenas tinha esquecido como era bom ter Pietro como companhia e se pegou cada vez mais querendo que ele voltasse.

Eles começaram a se falar todos os dias por semanas e Atenas começou a lembrar porque tinha se apaixonado por Pietro, como seu coração acelerava toda vez que ele sorria e os pelos da sua nuca se eriçaram toda vez que ele tocava a sua cintura. Atenas decidiu chamar Pietro para entrar e eles tiveram uma noite maravilhosa. Quando ele foi se despedir, Atenas não queria deixá-lo ir, queria que ele ficasse para sempre com ela. Pulou no pescoço e não parou de beijá-lo até que ele entendeu o que ela queria. Quando acordou de manhã, estava extasiada. Pietro entrou no quarto com o café da manhã e disse:

- Bom dia, raio de Sol.

- O que você disse?

Atenas se lembrou com perfeição o que tinha lhe causado tanta dor. Um ano atrás, ela foi numa festa com Pietro e tomou uma bebida que a deixou inconsciente. Acordou numa casa abandonada com um sequestrador mascarado dizendo "Bom dia, raio de sol". Felizmente os sequestradores eram amadores e a polícia conseguiu encontrá-los, mas os três dias que Atenas ficou ouvindo insultos a marcou para sempre.

- Como você pode fazer isso comigo? Tu disse que eu era o amor da sua vida - berrou ela.

- Hahaha! Fiquei surpreso por você não desconfiar antes, como pode ser tão ingênua?

- Por que eu? Por que agora?

- Porque você representa a classe que está destruindo esse mundo. Até parece que não sabe que existem milhões de pessoas passando fome. A princesinha foge e é sustentada pelo papai quando tem vontade. Agora o papai parou de me investigar.

- Tudo foi uma mentira?

- Não, eu realmente te amo, mas sua classe não divide o dinheiro por vontade própria. A sua morte vai representar o que vai acontecer com quem aumentar significativamente a desigualdade social. Os fins justificam os meios não é, amor?

O que ele não sabia, era que ela tinha se preparado para essas situações e, enquanto ele falava, ela pegou a arma que estava escondida embaixo da cama e atirou na cabeça dele. Ninguém nunca descobriu o que aconteceu. Atenas deixou as inseguranças de lado e voltou para Londres e virou policial.

As Berenices

Mariana Trindade

As Berenices são o estereótipo de gêmeas opostas. O sol e a lua, o doce e o salgado, o outono e a primavera, e toda e qualquer dupla de coisas divergentes. Elas têm estilos de vida completamente diferentes; mas, por incrível que pareça, andam sempre grudadas. Luísa Berenice observa com desinteresse a irmã gargalhar tanto a ponto de saírem lágrimas pelos seus olhos, algo que acontece frequentemente e que elas chamam de "chorrir". Já Laura Berenice tenta explicar com dificuldade o porquê do vídeo do gatinho caindo numa banheira ser tão engraçado, porém as risadas não a permitem. E dia após dia, ano após ano, essa rotina harmonicamente caótica de diferenças se consolida. Uma das Berenices está indo à academia, enquanto, no exato horário, a outra acaba de chegar da mais nova exposição de arte do museu que — graças a alguma intervenção divina — fica a duas quadras da casa para a qual se mudaram há pouco. Olham uma para a outra, para esse espelho que distorce tanto suas realidades pessoais e sorriem. Depois da breve explicação de idas e vindas e uma despedida rápida, elas seguem seus caminhos. Algo que acontecia diariamente até uma separação inesperada.

Laura vai se mudar para o exterior. Uma oportunidade única: intercâmbio. A notícia, que havia sido uma completa surpresa, trouxe para as Berenices uma corrida contra o tempo: documentos, passaporte e passagens tinham de ser resolvidos logo. A agitação e a pressa foram tantas, que Luísa só se deu conta de que a irmã ficaria distante de casa, no aeroporto. A despedida foi mais rápida que o esperado. Depois da sala de embarque separá-las com apenas uma parede, a luta contra o choro foi quase incontrolável por ambas as partes. O dia, coincidentemente, chuvoso só trouxe mais cenário ao drama. Luísa não acreditava no tamanho do mundo até ver sua parceira fiel se afastar numa distância que só um avião poderia reverter a situação. Era óbvio que ela estava feliz pela irmã, mas nunca foi fã de mudanças, e aquela era enorme.

Luísa passou a ter dias mais tranquilos, uma rotina menos agitada. E ela particularmente não gostava disso. O ponto alto de seu dia era — após muitas horas de espera — poder ligar para aquela que a ouvia constantemente, ao vivo, no passado. As chamadas de vídeo não duravam muito, Laura sempre tinha muitas coisas para fazer no outro país, ou, pelo menos, era isso que Luísa imaginava. Também não era fácil dividir a tela com todos os membros da família. O afastamento foi natural: aos poucos, as Berenices foram deixando de contar coisas não tão essenciais do dia. Os pequenos detalhes, como achar uma moeda na rua ou quase tomar um banho de chuva, foram deixando de existir. E por alguns meses, a conversa, que costumava fluir, foi diminuindo a frequência.

Elas ainda tinham a mesma intimidade, afinal cresceram juntas e sabiam que podiam contar uma com a outra para qualquer coisa. Mas algo havia mudado, e esse "algo" irritava Luísa Berenice profundamente. As coisas não deveriam mudar... Não é? O relacionamento com a irmã deveria continuar da mesma forma, mesmo com a distância. Então por que será que tudo mudou por completo? Esses questionamentos faziam parte da vida de Luísa cada vez mais. E ela, como nunca foi boa em dizer o que sente, fez a única coisa que achou sensata: guardar esse sentimento para si. Escondeu num cofre, trancou a sete chaves e jurou nunca mais abri-lo. Deixou de comparecer às chamadas de vídeo em família e só respondia às mensagens da gêmea quando era realmente necessário. Enquanto ela não voltasse para casa, não valia a pena forçar um relacionamento que elas não tinham mais.

As relações na internet são incomparáveis às relações que são feitas pessoalmente. Sem contato físico, falta de discernimento de tons entre mensagens e o simples fato de não respirar o mesmo ar dificulta a forma de as pessoas vivenciarem umas com as outras. A adaptação para o mundo virtual pode ser complicada; namoros e amizades podem mudar completamente. Mas, claro, não é o fim do mundo. Com tantos recursos, há quem prefira se relacionar com o outro através de redes sociais. Existem casos e casos, alguns têm opções, outros não.

É inegável que hoje em dia existam diversas formas de lidar com essas circunstâncias. A modernidade trouxe isso para a maioria das pessoas, por mais que a ideia de enviar cartas seja bem mais legal... E seguindo os princípios daquela relutância, Luísa não podia dizer à irmã os preços absurdos do mercado, o último filme brasileiro hilário a que assistiu, nem que viu o vídeo do gatinho caindo na banheira e entendeu porque ele é engraçado.

Aquela situação de não se falarem mais com a fluidez de antes estava custosa. E doía. Diante desse sentimento sufocante, Luísa viu-se desesperada para desabafar com alguém. Precisava de alguém que confiasse de olhos fechados, alguém que pudesse ouvi-la com devoção, e aquela pessoa era Laura. Não imaginava que admitir o que sentia fosse tão difícil, até precisar fazê-lo. Sua única opção era ter uma conversa franca. Não só dizer como se sentia, mas pedir desculpas por sua recente aversão ao uso da internet na comunicação. Muitas coisas estavam acontecendo com ela, mas em meio a tantas concepções próprias, ela nunca perguntou se sua irmã poderia sentir o mesmo. E para sua — não tanta — surpresa, o fato de as inseparáveis terem se separado machucava tanto Luísa, quanto Laura.

Aproximar quem está longe, mas afastar quem está perto é uma das marcas das relações na era da internet. É preciso saber lidar a ponto de usufruir dos benefícios disponíveis, evitando os malefícios que podem decorrer do mal uso dessa ferramenta.

Uma ligação que durou mais tempo do que deveria — o horário do fuso também não facilitava — esclareceu todas as diferenças. No fim das contas, aquela distância só deixou o amor fraterno mais forte e piadas internas mais memoráveis. E como ela sentia falta disso... Ah, se tivesse feito isso antes. Luísa, pela primeira vez, "chorri". As Berenices tinham bem mais em comum do que imaginavam.

As relações na era da Internet:

Ana Laura Dias Schander

A internet, é sim, uma porta para várias oportunidades. Ela é uma porta para o conhecimento, trabalho, comunicação, amizades, e muito mais... Mas, o que não contam é o que, o excesso de internet causa nas nossas vidas. Quando usamos a internet em excesso, ou até usamos ela como um refúgio, além de estarmos abrindo portas para amizades, risadas, novos conhecimentos, estamos também abrindo portas para o mal. O mal que a internet pode fazer quando nos relacionamos com quem não nos conhecemos. É só abrir uma conta, clicar no seguir, e mandar um "oi", e daí tudo começa! Foi assim que tudo começou comigo! Abri uma conta, com várias fotos de um menino bonito, com fotos com a mão tapando o rosto, mas de corpo bonito, então cliquei em seguir, e mandei um: oi, tudo bem? Ele respondeu minutos depois: tudo e tu?

E assim foi, começamos nos conhecendo: de onde cada um era, quantos anos tinha, o que mais gostava... conversávamos sobre tudo. Quando vi, acordava querendo conversar com ele, e conversava, do bom dia até o boa noite. Pra ser sincera, eu gostava do jeito que ele escrevia, do jeito que ele fazia eu confiar nele (mesmo virtualmente). No começo, eu realmente gostava dele, mas conforme o tempo foi passando eu vi, que só continuava a conversar com ele como forma de refúgio, como alívio de ter com quem conversar. Eu, de vez em quando estranhava o jeito que ele escrevia, meio formal demais para alguém tão jovem, ou até quando ele pedia meu endereço, dizendo que era só pra ter certeza de que eu estava perto dele, ou quando ele pedia fotos minhas e fazia perguntas estranhas relacionadas à coisas pessoais (o que me deixava assustada). Mas, como eu disse antes, eu gostava de ter alguém para conversar! Decidi um dia então, pedir para a gente fazer uma chamada de vídeo, nos conhecermos de verdade, na hora ele disse que estava muito cansado, na segunda vez, ele tinha muitas coisas para fazer, na terceira não estava em casa... e toda vez tinha uma desculpa diferente. Até que eu me esgotei, disse para ele que estava muito magoada com ele e que queria me afastar, ele provavelmente surpreso, na hora mandou um: ok, hoje a noite chamada de vídeo. Eu fiquei muito feliz e ansiosa, estava confusa com meus sentimentos, mas achava que gostava dele.

Chegou a hora, terminei de me arrumar e entrei na videochamada. Ele parecia meio diferente das fotos dele, mas fiquei feliz de ele ter aparecido. Quando vi, já estávamos rindo. Estranhei um momento que estávamos comentando sobre sonhos, e ele não sabia o meu, mesmo eu já tendo comentado nas nossas conversas, mas ele alegou só ter esquecido. Outra vez estranhei, ele errou de novo e depois de novo algo sobre mim, que eu já tinha comentado. Fiquei intrigada com isso, como ele tinha esquecido? Suspeitando, então de algo, perguntei para ele, sobre o lugar que eu mais queria viajar, e perguntei se ele sabia qual, ele fez que esqueceu e eu disse, que era EUA, ele disse que então havia se lembrado de eu ter comentado em uma das nossas conversas. Foi aí, que eu saquei tudo! Eu nunca tinha comentado com ele, sobre o lugar que eu mais queria viajar. Com raiva, então por outra pessoa estar se passando por ele, e por provavelmente ele não ser, quem ele diz que era, desliguei na hora e desabei na cama. Como eu tinha me deixado levar, por algo tão bobo? Como, acreditei que a internet, e que só a internet podia me salvar da minha solidão? Como? Depois, de um tempo chorando, me levantei e passei uma água no rosto. Liguei meu celular e bloqueei ele, me arrependendo profundamente de ter compartilhado informações pessoais minhas, de ter confiado nele e de principalmente de ter dado informações, que eu nunca deveria ter dado para alguém, que eu não conhecia. Ainda com sentimento de culpa e arrependimento, foi quando eu me dei conta, que a internet abre portas para tudo, uma amizade e alegria, mas também traição e tristeza. Entrar na internet, é o mesmo que entrar em uma caixinha de surpresas, nunca se sabe o que vai acontecer.

Nunca se sabe, se você não tomar cuidado, você pode se arrepender depois, entrar em caminhos, dos quais as portas sempre estão fechadas, mas se você decide abri-las, é um caminho sem volta. Concluímos, que nos relacionar na internet é um tanto perigoso. Como diz o ditado: pense duas vezes antes de agir. Porque a internet pode te fazer a pessoa mais feliz do mundo, mas ela também pode te fazer a pessoa mais magoada desse imenso mundo. Não abuse do poder que a internet te dá, saiba controlá-lo.

Conectados

Mariana Andriotti de Souza

A linguagem, o ato de poder nos comunicarmos, é o que nos faz humanos e nos diferencia dos outros seres vivos, conforme fomos evoluindo o homem foi arranjando meios para que a comunicação se tornasse mais ampla, para que isso fosse possível, sua descoberta mais importante foi a internet, que, inicialmente foi criada para função de interligar laboratórios de pesquisas científicas, porém, atualmente é o meio de comunicação mais utilizado do mundo. Hoje em dia, estamos na ERA DA INTERNET (inserir música de suspense), e é exatamente aí, meu caro leitor, que começa o problema.

Eu, por exemplo, acho muito melhor me comunicar em espaços virtuais do que pessoalmente, considerando o fato que é muito mais fácil expor opiniões, publicar coisas ou falar com outras pessoas via internet, eu posso cuidar bem a forma que vou me expressar já que tenho a chance de escrever e reescrever diversas vezes ou quando estou em ligação com alguém posso simplesmente fingir que a bateria do meu celular acabou do nada quando eu não estiver mais afim de conversar, e, espero que vocês concordem comigo, fisicamente é tudo no improviso e eu sinceramente sou péssima na incrível arte da improvisação. Sem contar que em apenas um clique, ou dois, posso conversar com qualquer pessoa do mundo, ou comentar qualquer assunto em alta no twitter, posso também falar com meus amigos virtuais ou os que eu já vi uma vez ou outra, posso jogar online ou até mesmo entrar em grupos de conversa com pessoas que curtem os mesmos assuntos que eu.

Aí você me pergunta "O que há de problema nisso?" Então eu vos apresento o lado ruim: sejam bem-vindos à problemática em tudo isso. Agora raciocine, em um lugar onde absolutamente qualquer pessoa pode expor a opinião que quiser, falar com quem quiser, divulgar, apreciar, opinar, e outros verbos por aí, tudo o que preferir, daria certo? Bom, na teoria sim, na prática não muito. O fato é que temos opiniões diferente, julgamentos o tempo inteiro, coisas que discordamos e possuímos o poder em nossas mãos de expormos isso para todos, e essa exposição excessiva faz com que o preconceito, o discurso de ódio, o cyberbully e entre outras coisas horríveis se espalhem por esses meios digitais, ainda mais quando hoje em dia, existe o anonimato, o que dá permissão para pessoas exporem suas opiniões sem afetar nada em suas vidas fora daquele simples perfil, pois é claro que é muito mais fácil expor seu julgamento se escondendo atrás de um perfil com nome falso e uma foto de um meme aleatório.

Com toda essa exposição de opiniões acaba rolando o que eu chamo de MANIPULAÇÃO DE OPINIÃO (inserir outra música de suspense), que é quando um grupo de pessoas começam a julgar o que é certo e errado, e quando uma outra pessoa de fora vê que tem um muita gente concordando e passa a aceitar também, e assim sucessivamente, acaba que isso se torna uma bolha e quando menos esperamos, já tem o que é considerado moda, o que é considerado bonito, o corpo padrão, o que podemos ou não fazer, e tudo isso quando não é usado para coisas que realmente são importante serem politicamente corretas vira uma serie de manipulações sucessivas deixando todos nós sem opiniões próprias. Mas e eu? Te convenci de algo?

Textos Diversos

A casinha de lego

Eduardo Lima Sautier

A casinha de lego,
construída aos pouquinhos
por um pequeno porquinho.

O porquinho ia colocando
peça por peça
até que a casinha,
maior ia ficando.

Quanto maior a casinha ficava,
mais feliz o porquinho cantava.
Cantando e alegrando
a casinha não ia parando.

A casinha não parava de crescer
E o porquinho de tremer.
Cada peça era um alívio.

Mas o porquinho
percebeu que tinha um inimigo:
seu irmãozinho.
Um pequeno pombinho
que voava rasilho.

Depois de tantas tentativas,
seu irmãozinho cumpriu sua missão:
a pequena casinha foi ao chão.
Mas o porquinho não desistiu,
recomeçou a casinha que nunca existiu.

Maryah Tayana Silveira da Silva

Sinto uma queimação no meio do meu couro cabeludo. Tomo conhecimento de que estava dormindo. Parece que estou dormindo há anos, porque no momento que abro os meus olhos sinto uma queimação exorbitante neles e os fecho rapidamente.

Parece que estou dentro de uma fornalha aquecida, pelo motivo que agora não estou apenas sentindo uma queimação no meu couro cabeludo e olhos, mas estou sentindo no meu corpo todo. Meus olhos são sensíveis, e agora?

Quer saber? Preciso abrir os olhos, hoje tenho afazeres. Minha casa é de madeira e pode aquecer com facilidade. Isso é apenas um mero dia quente, posso abrir os olhos.

Um instante antes de eu abrir os olhos, uma brisa passa, mas de um momento para o outro acho que fui jogada para o outro lado do quarto. Abro os olhos tão repentinamente que nem percebo o ato. Só me dou conta que abri os olhos quando me deparo comigo mesma deitada na terra com grandes árvores quase em cima de mim.

Nessa hora, me arrependo de ter olhos, porque baixo o olhar e percebo que há raízes crescendo em mim. Vejo que sou uma planta, ou melhor, sou uma muda de árvore.

— Não posso ser uma planta! — grito alto demais. Espera... Eu posso falar? Eu sou uma planta, isso não faz sentido.

— Pode sim! — Diz uma voz grossa, o que me deixa perplexa.

— Você também pode falar? Quem é você? — Olho ao redor procurando o dono da voz.

— Claro que posso falar! Sou um ser vivo com os cinco sentidos. Meu nome é Reed — De uma hora para outra sinto um cutucão e me viro. Me deparo com quem acho que é Reed e ele é lindo. Quero dizer, ele é uma planta, uma planta verde, mas é lindo, com traços bem marcados.

— Mas você é uma planta e eu também. Olhando pela perspectiva real, não pode mostrar nenhum dos sentidos!

— Você é novata não é? Bem, deixe-me te explicar. Você morreu e reencarnou como uma planta, e agora está passada, chocada e totalmente desacreditada da situação. Isso passa com o tempo. Aliás, eu já me apresentei. Qual seu nome?

Absorvo o que Reed disse e, caramba, faz sentido! Posso estar ficando louca por acreditar nisso, mas faz sentido!

— Meu nome é Callie... Espera, eu lembro. Eu estava fazendo compras no mercado e uma estrutura de ferro caiu em cima de mim! Foi assim que eu morri.

— Nossa, eu achava que a minha morte tinha sido ruim, mas a sua foi deprimente. Eu era pirata há anos atrás e fui guilhotinado. História triste, eu sei, mas já faz muito tempo.

Ele era pirata?

— Pirata? Que legal! Como era?

— Ah, foi a melhor fase da minha vida... — Vocês não vão acreditar no que eu vou falar agora, mas uma pessoa acaba de pisar nele. UMA PESSOA ACABOU DE PISAR NO REED.

E os pés assassinos ameaçam pisar em mim também! Com sorte, consigo desviar. Então vem outro par de pés assassinos. Meu coração está mais acelerado que nunca e minha boca está seca, cadê a minha saliva? O segundo par de pés assassinos passam de raspão por mim. Quando acho que posso respirar e viver o meu luto de perder o único ser vivo que me apoiou nos momentos pós morte, vem outra coisa que é pior que pés assassinos: mãos assassinas. Essas mãos me arrancam da terra, consigo sentir o meu corpo parar de funcionar, se esvaír. É como se eu estivesse em coma e alguém estivesse prestes a desligar as máquinas que me mantêm viva. Cada molécula, cada célula, cada órgão para de funcionar, me sinto caindo de um precipício. A distância da queda é do parapeito do precipício até o chão duro e sem piedade nenhuma. Desapareço, paro de funcionar. Eu morri.

Estou sufocando, não estou conseguindo respirar. Eu desperto. Desperto rápido e de modo exageradamente desesperado. Minha respiração está irregular.

Estou na minha cama, na minha casa, deitada. Reparo que estou assustada. Estou me sentindo estranha, como se tivesse saído de um sonho, como se acabasse de ter saído de uma realidade totalmente diferente e agora estou aqui, seminua, deitada na minha cama dentro do meu quarto escuro com a sensação de que estou esquecendo alguma coisa.

Levanto da cama com o intuito de ir para o banheiro me recompor, mas, para complicar ainda o meu dia, eu tropeço em um sapato jogado pelo quarto. Tão típico de mim fazer isso. Meus pés parecem estar furados porque, a cada passo que dou, eu tropeço em algo. Vou ao médico consultar isso.

Congelante é uma palavra para descrever o dia de hoje. As pontas dos meus dedos não se movem com muita flexibilidade, pareço ter um cubo de gelo em cada dedo, impedindo-os de se mover. Estou com quilos de roupa sob o meu corpo, mas me sinto nua. Sinto como se eu estivesse no meio de uma pista de patinação, só de lingerie. Mas não vou me render a isso, tenho muitas coisas a fazer hoje. Preciso ir ao mercado comprar os alimentos que a minha adorável tia gosta. Adorável não é bem a palavra para descrevê-la, mas não existe uma palavra que descreva o quão horrível a bruxa é, não vou falar nada.

Estou entrando no mercado que fica há umas quadras da minha casa e, que alívio que sinto assim que entro no estabelecimento, está quase quente aqui dentro. Vou direto para o açougue e compro um quilo de carne de primeira. Estou caminhando para pegar umas besteirinhas para comer depois que a bruxa for embora quando sinto uma dor repentina em minha cabeça e, de um momento para o outro, caio ao chão, tudo fica preto.

Quente, minha cabeça estava quente, aliás, quente não, estava fervendo!

Abro os olhos com dificuldade impressionante e fito o meu olhar para cima, para o céu. Está tudo tão alto. Baixo o olhar e, de repente, sou uma muda de árvore. Um segundo... Isso já aconteceu, eu morri no supermercado e renasci como planta. Aconteceu de novo! Não entendo!

— Você parece atordoada, Cá — olho para todos os lados em busca da pessoa que falou isso. Me deparo com Reed me olhando.

— Reed?

— Sim, você está bem? Eu estava falando sobre os meus tempos como pirata e você ficou toda estranha.

— Reed, isso vai parecer loucura, mas... — não consigo terminar de falar porque pés assassinos pisam em mim. Dessa vez, é rápido. Tudo fica escuro de uma hora para outra. Acabei de morrer.

Fico aguardando renascer, mas nada acontece. Estou em um lugar que é todo branco, parece o limbo. Dessa vez estou morta para valer.

As segundas chances chegam de maneira sorrateira, não se percebe. Agora não há uma terceira.

Apenas um Garoto Caracol

Arthur Garcia Brisola

Todo dia era a mesma coisa. Sempre que o garoto vinha admirar o teto esbranquiçado sobre ele, já sabia que outro dia monótono iniciava.

Ascender à janela, comer, se vestir e escovar os dentes. Essa era sua rotina cotidiana, a qual se repetia dia após dia, seguida de sua máscara de caracol. O garoto caracol se deslocava na rua para aguardar seu ônibus, lá admirava as pessoas que passavam por ele, todos esbanjavam beleza e prosperidade com suas máscaras esbeltas. De gaviões destemidos a leões respeitáveis, dotados de postura, bens materiais e sua aparência esbelta, enquanto ele era apenas um garoto caracol. Seu ônibus chega para o levar à escola. Lá não havia muita distinção da rua, apenas a variedade de animais. Não eram só leões, esses eram a minoria, eram ratos, serpentes, ovelhas, ursos e etc, cada um com sua característica. No entanto, todos agrupavam-se com seus semelhantes. Os tigres ficavam com os gatos, gaviões ficavam com os pombos e assim por diante, enquanto o garoto caracol ficava com animais de sua turma, sem nenhum tipo de semelhança. O garoto caracol ficava ansioso para a finalização das aulas, não era por falta de interesse no conteúdo e, sim, pelo muco que escorria involuntariamente de sua casca, isso o incomodava.

Ficar com todos ali não o agradava. Ele não parecia se encaixar, pois seu casco era duro e feio demais para conseguir companhias diferentes. Isso o incomodava.

Na batida para sua saída, sua rotina de retorno começava. Subiu no ônibus, aguardou para, enfim, entrar em seu quarto, o único recinto no qual ele poderia tirar aquele casco nojento. Em seu quarto era apenas ele e sua tela azulada, não havia preocupações, não havia julgamentos. Simplesmente meras palavras de pessoas de outros cantos do mundo eram o bastante para o reconfortar. Afinal, elas eram mais verdadeiras do que qualquer coisa que um animal, pessoalmente, já lhe disse. Não havia uma casca, não havia restrições, lá ele poderia ser quem ele quisesse ser sem se preocupar com sua máscara. Desbravou terras desconhecidas, sendo envolvido pelos mais diversos tipos de relações. Amigos de confiança, companhias, inimigos e, até mesmo, paixões fraudulentas.

Eram milhares tipos e todos, de certa forma, o complementavam e o faziam se sentir acolhido, uma coisa que sua casca de caracol impedia com outras pessoas. Porém, de todas as suas empreitadas pelo mundo digital, infelizmente, teve uma vez que o garoto ficou confuso: uma garota abelha, inalcançável, bela e, para piorar, bondosa. Aquele confuso sentimento era algo misto, seu coração pulsava ao vê-la, seus olhos se dilatavam e sua mente se enchia com aquela imagem. Todavia, gradativamente aquela imagem bela destoava para algo ardente que o queimava por dentro, um ódio incondicional pela figura. Ele não sabia se a amava ou apenas queria ser como ela. Ele tentava incessantemente se entrosar com aquela figura inigualável, mas era impossível. Seu casco era duro demais para ver o seu rosto e a feiura o deixava muito retraído para tentar algo. Ele simplesmente desistiu.

Todo dia era a mesma coisa. Arrumar a cama, comer, escovar os dentes e se arrumar para vestir aquela máscara nojenta, novamente. Aquela visão da rua ficou muito mais destoante, a dicotomia entre ele e os outros ficava gradativamente mais clara e seu casco cada vez mais rígido. Os grupos pareciam menos convidativos e, seus ditos "amigos", cada vez mais viravam estranhos que o contornavam. Esse maldito muco cada vez mais escorria de seu rosto, acompanhado de uma imensa dor, mas sua casca era rígida e ocultava sua vergonha. Ele então retornava ao seu cúbico escuro, úmido e nojento, sem sua máscara, e aquele muco miserável não cessava em nenhum momento. Uma involuntária sensação de tristeza por... Nada?

Não! Solidão, inveja enrustida em um amor falso. Isso eram coisas que nem mesmo o seu rígido casco poderia suportar. Às vezes, ele comia sal e aquela dor imensa passava a ser estranhamente aliviante. A queimação era o sentimento que mais se aproximava de algo real, algo que valeria a pena ser sentido. Todavia, ele odiava aquilo, seu casco era feio e duro demais, seu corpo era fino e gosmento. Como alguém viria a se aproximar tendo ele um casco tão grande? Seu casco interceptava tudo e ele nem ao menos se dava conta, estava acostumado a ser apenas um garoto caracol.

Todo dia era a mesma coisa: abrir a janela e deslumbrar o mundo além dela... Seu quarto? A única faísca de luz sendo a lâmpada de seu quarto 6 por 6m. Abrindo a porta, ele se deparava com seu quarto novamente, era como se tivesse saído de seu armário. Ele fazia isso uma, duas, três, quatro, quinhentas, seiscentas, cem, milhões de vezes e nada. Aquele cenário cinzento com uma cama, um balcão com um computador, uma cadeira e livros era o que ele via todo santo dia. Era seu refúgio, se sentia confortável e sentia que nunca estaria sozinho com aquela tela a sua frente, mas essa tela desligou e nunca mais religou. Foi assim que começou a cair as lágrimas, o muco consumia o recinto por inteiro, como se uma torneira estivesse aberta. Ele estava sozinho e nem ao menos seu refúgio era algo que o fazia sentir-se confortável. Em outras palavras, uma prisão para a decadência e o fracasso. Ele percebia os prêmios da escola sem mais aquela cor, seus amigos nas redes cada vez mais longe, aqueles a quem ele confiou seu rosto não o percebiam e, os supostos amigos, seguiam sem ele. Tudo isso por uma maldita máscara de caracol.

Ele teve tempo para refletir. A porta sempre o levava de volta não importando o que tentava, a vida começou a passar diante de seus olhos e percebeu como era feliz, como conseguia as coisas e amigos com tremenda facilidade. Então, se perguntou: "o que aconteceu?". A resposta: "seu casco cresceu". Não havia mais máscaras, não havia mais sentimentos falsos, havia apenas ele e a porta e, quando a abriu, ele nunca sentiu o sol tão real. Sem sua máscara, sem seu casco, ele fala consigo mesmo após ver todos ao seu redor "engraçado, eles são todos iguais a mim".



Coletânea de poemas, contos e crônicas

Conexões: As Relações na Era da Internet

